CHUMBO GROSSO

JOGO DO DESTINO

BILL PURSE

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 94

TÍTULO: JOGO DO DESTINO

CAPA: BENICIO

AUTOR: BILL PURSE

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1991

CHUMBO
GROSSO

JOGO DO DESTINO

BILL PURSE

Capa de:

BENICIO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMXCI Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

PRÓLOGO

Massacre em Blue Watel Valley

Jeremy McAllen sorriu ao ver o filho de apenas doze anos de idade se afastar em direção ao rio.

Levava ao ombro uma vara de pescar e a tiracolo, um embornal onde esperava trazer os peixes que iria apanhar.

— Não é melhor levar uma mula com duas bruacas, Freddy? — perguntou-lhe o pai, em tom brincalhão. — Nesse embornal não vai caber quase nada!

O menino sorriu, voltou a cabeça para o lado do pai e disse:

— Se conseguir pescar mais do que eu puder carregar, devolverei os peixes à água... Deixo-os para apanhá-los amanhã!

Seguiu seu caminho, embrenhando-se na mata que beirava o rio, logo desaparecendo da vista de seu pai.

Continuando por uma estreita trilha, caminhou ao lado da bela corredeira ao norte de sua case e chegando a um local onde as águas do Blue Water River formavam um pequeno remanso, sentou-se sobre um tronco caído de margem à margem e começou a pescar.

Não demorou muito, sentiu um beliscão na ponta da linha, mas não foi rápido o suficiente para apanhar o peixe.

Esperto, ele levou a isca, deixando-lhe o anzol nu.

Freddy praguejou baixinho, dando graças a Deus por sua mãe não estar por ali para ouvi-lo dizer aqueles palavrões, e, trocando a posição da vara, tornou a jogar a linha na água.

Menos de cinco minutos depois, sentiu um puxão forte e com habilidade, puxou para fora da água um bonito peixe.

Sorriu, satisfeito.

— Vou fazer papai engolir o que disse a respeito de minhas pescarias! — murmurou ele, tirando o pescado do anzol e colocando-o no embornal.

Entusiasmado, colocou outra isca e voltou a pescar.

Foi nesse momento que escutou o inconfundível som de cascos de cavalos que passavam na estrada a pouco mais de cinquenta braças de onde ele se encontrava.

Curioso, ergueu-se para poder ver quem estava chegando no rancho de seus pais, uma vez que não eram comuns as visitas naquele fim-de-mundo em que residiam.

Ficou preocupado.

Reconheceu um dos homens, um tal Peter Bonnet, indivíduo com fama de arruaceiro em Blue Water City e que na semana anterior, tinha se desentendido com McAllen por causa de um simples encontrão na rua.

Freddy ainda se lembrava muito bem do que acontecera pois tinha acompanhado o pai, naquele dia de compras na cidade.

Peter tinha feito de propósito. Avançara para cima de McAllen com a clara intenção de fazê-lo derrubar o saco que estava carregando.

Porém, McAllen fora mais esperto e ao invés de deixar cair a carga, forçou um pouco mais o corpo para a frente, empurrando Bonnet para o lado.

Este teve azar.

Tropeçou em seus próprios pés e rodou a pequena escada do armazém, estatelando-se na poeira da rua principal.

Risadas espocaram.

Bonnet, furioso, culpou McAllen por seu tombo:

— Não sabe olhar por onde anda, canalha?

McAllen olhou com desprezo para o indivíduo que esbravejava no chão e disse:

— Não foi bem isso o que aconteceu, Bonnet... Você queria que eu deixasse cair no chão a minha mercadoria... Não conseguiu, o feitiço virou contra o feiticeiro... Foi isso o que ocorreu!

Bonnet, porém, não tinha perdido a vontade de brigar.

Enquanto McAllen punha na carroça o saco que trazia sobre os ombros, ele avançou contra o rancheiro.

Avançou com fúria, como se fosse um bisonte endoidecido por uma picada de abelha, das terríveis e enormes abelhas da pradaria.

McAllen não se intimidou.

Esperou pacientemente que o bandido atacasse e quando ele se encontrava tão perto que todos os que estavam assistindo à cena já imaginavam que McAllen seria sumariamente massacrado pelo desordeiro, o rancheiro desviou-se.

Esquivou-se com rapidez, forçando o adversário a socar o ar.

Completamente desequilibrado por não ter encontrado resistência à pancada que desferira, Bonnet foi obrigado a dar um passo para a frente.

McAllen se aproveitou da oportunidade e metendo-lhe com força o pé no traseiro, impulsionou-o para a frente.

O bandido bracejou no ar como se estivesse nadando e foi se esborrachar de encontro à parede externa do armazém.

McAllen estava com pressa.

Evidentemente, poderia esperar outro ataque, fazer como o gato faz com o rato: brincar um pouco com a sua presa.

Mas já era quase hora de voltar para casa e McAllen detestava fazer sua mulher, a doce Lucy, esperar.

Assim, erguendo Bonnet pelo colarinho, meteu-lhe um soco no nariz, pondo-o definitivamente fora de combate.

— Vamos, meu filho — disse ele para Freddy. — Este, pelo menos, não vai aborrecer ninguém por um bom tempo!

* * *

Porém, não se concretizaram as previsões de McAllen...

Peter Bonnet estava de volta e desta vez, viera acompanhado por mais três homens.

Três homens que Freddy, de cima de seu tronco caído sobre o rio, pôde ver muito bem.

Três rostos de que ele nunca mais haveria de se esquecer!

Nervoso, com alguma coisa lhe dizendo que deveria voltar o mais depressa possível para casa, o menino largou a vara de pesca, o embornal com o peixe que tinha apanhado e tratou de correr de volta, pela trilha.

Dizem, os mais sábios, que o "destino" normalmente interfere a favor dos bons, dos puros de alma.

E não pode haver ninguém mais puro de alma do que uma criança.

Naquele dia, o "destino" resolveu que não era chegada a hora de Freddy McAllen.

Para impedi-lo de chegar à sua casa, simplesmente pôs uma pedra diante de seus pés apressados.

Freddy não viu a ponta da pedra escondida entre as folhagens, bem na beirada do rio.

Tropeçando, pateou por uns instantes tentando desesperadamente manter o equilíbrio e, de súbito, como se alguém houvesse tirado o chão de sob seus pés, ele caiu pela margem, indo mergulhar nas águas do Blue Water River.

A força das corredeiras arrastou-o, afastando-o de sua casa.

Do meio do caudal, ele ainda pôde escutar gritos e tiros.

Fechou os olhos.

Sabia perfeitamente o que estava acontecendo.

Por intuição, sabia também que não poderia voltar, que nada adiantaria continuar a lutar contra a correnteza para regressar à margem.

Não, o melhor era deixar que o rio o levasse até mais adiante, onde aqueles bandidos não o pudessem encontrar.

Lutou apenas para não chorar, para manter a cabeça fora da água, para não se afogar.

Enquanto isso, no rancho, a tragédia se dava.

Bonnet, acompanhado por aqueles três outros bandidos, chegara quase que de sopetão, sem que McAllen pudesse ter tempo de esboçar qualquer reação.

— Agora, cretino — falou Bonnet, quero ver você me surrar como fez outro dia!

McAllen não teve como lutar.

Agarrado pelos companheiros de Peter, ele tentou esboçar alguma resistência, mas uma coronhada no alto de sua cabeça o tonteou, amolecendo seus músculos, tirando-lhe qualquer possibilidade de se defender.

Viu, através de uma névoa que lhe invadia o cérebro, Bonnet agarrar a sua Lucy e, à queima roupa, desfechar-lhe um tiro no rosto.

Em seguida, escutou o bandido dizer:

— Podem acabar com ele! Enquanto isso, vou procurar o dinheiro que ele deve ter escondido algum lugar por aqui...

Não foi preciso uma segunda ordem.

Um dos homens sacou o revólver e disparou contra McAllen.

Primeiro, atingiu-o nos joelhos, depois nos ombros e por fim, na cabeça, terminando de com os seus sofrimentos.

Bonnet voltou sorridente de dentro da casa.

Havia encontrado o lugar onde McAllen guardava o dinheiro recebido em uma transação com gado, nada menos que vinte mil dólares.

— Pronto, companheiros — disse ele. — Podemos ir!

De repente, como se estivesse lembrado de alguma coisa, falou:

— Mas esse canalha tinha um filho... Onde é que se meteu o garoto?

Por alguns momentos, procuraram o menino pelos arredores, mas, acabaram não o encontrando.

— Ora! — exclamou um de seus companheiros. — Isso afinal não é tão importante assim! O menino deve ter ido à cidade, não deve ter visto coisa nenhuma! Não há a menor necessidade de ficarmos aqui e corrermos o risco de aparecer alguém!

Sério, acrescentou:

— Não se esqueça de que nós avistamos ao longe, um cavaleiro... Se ele conseguiu se aproximar um pouco mais, pode ser que nos aviste e isso não será nem um pouco bom para ninguém!

— 11 —

Bonnet foi obrigado a admitir que o companheiro estava com a razão e montando em seu cavalo, falou:

— Está certo... Vamos embora! Se encontrarmos o garoto pelo caminho nós daremos um jeito nele!

* * *

Freddy escutou os tiros, escutou os gritos de sua mãe, ouviu o terrível silêncio do depois.

Compreendeu que havia ocorrido uma desgraça, a maior tragédia de sua vida.

Deixou-se levar pela correnteza por mais de uma hora, sabendo que a cerca de três milhas de distância de sua casa, o rio faria uma curva acentuada em direção à cidade e, depois, formando quase uma laçada, seguiria para o leste, afastando-se de Blue Water City.

— Bonnet — murmurou ele. — Maldito seja, Bonnet! Não poderei morrer enquanto não me vingar de você! Não poderei! Nem que eu tenha que ir procurá-lo no inferno, mas eu terei o gosto de vê-lo morrer em minhas mãos!

CAPÍTULO PRIMEIRO

O objetivo é apenas viver

Elmett Highsmith olhou súplice para o homem que estava à sua frente.

O silêncio ao seu redor era tão intenso que se tinha a impressão de poder cortá-lo com uma faca.

Poder-se-ia facilmente escutar o som de uma mosca esvoaçando pelo saloon, todas as respirações suspensas, olhando ansiosos para ele.

— Escute, rapaz — falou ele. — Eu não o conheço e tenho a impressão de que você jamais fez qualquer coisa de mal para mim, da mesma forma que eu nunca fiz nada contra você... Não há nenhuma razão em querer duelar.

— Cale-se! — disse o rapaz, com voz ligeiramente esganiçada. — Cale-se e trate de se defender!

Olhando com firmeza para Elmett, acrescentou:

— Você é um pistoleiro e como tal, não pode recusar um duelo! A menos que seja tão covarde que esteja querendo encontrar uma maneira de escapar...

Sorriu com uma frieza que não condizia com a idade que tinha e falou:

— Daí se fizer isso, estará provando que é um covarde e quanto aos covardes... tenho uma maneira muito minha de pensar. Eu os mato primeiro e depois, faço perguntas.

Sim, aquele rapaz era mais um que estava querendo provar para todos e principalmente para si mesmo, que poderia ser melhor do que Elmett Highsmith, um dos mais famosos justiceiros de todo o oeste.

— Não me obrigue a fazer o que eu não quero — pediu Elmett. — Vá embora e deixe-me em paz!

Mas o moço não estava com a menor vontade de obedecer...

Tinha chegado até perto de Elmett...

Perto demais para voltar atrás!

Como todos os pistoleiros, ele estava sabendo que não poderia haver volta, mesmo que o quisesse.

Fitou os olhos de Elmett Highsmith...

E então, ele tremeu.

As palavras do justiceiro, pedindo-lhe que o deixasse em paz, que fosse embora, não combinavam de maneira nenhuma com a dureza daqueles olhos.

Não havia mais súplica neles.

Ao contrário, parecia haver o desafio de quem está dizendo que duvida ser o adversário capaz de levar ao fim sua provocação!

O rapaz vacilou.

Percebeu que havia entrado em uma situação desesperadora, frente a frente com um homem que todos sabiam ser mais rápido do que qualquer outro a oeste do Mississipi.

Só haveria uma maneira de conseguir sair dali vivo.

Era surpreender Elmett.

E foi exatamente isso que ele tentou fazer.

Com um movimento muito rápido para a direita, tentou sair da linha de visada do justiceiro, ao mesmo tempo que suas mãos buscavam a coronha de suas armas.

Sim, ele era muito rápido.

Tão rápido que conseguiu chegar a tirar metade dos revólveres de seus coldres...

Mas a velocidade de Elmett era algo fora do comum.

Os Colts surgiram em suas mãos como que em um passe de mágica, já disparando, enviando com uma precisão demoníaca suas balas contra o alvo.

Atingido nos punhos, o rapaz soltou um grito, sacudindo as mãos feridas com desespero.

— Maldito! — exclamou ele. — Você me aleijou! Você me inutilizou minhas mãos!

Elmett guardou os revólveres e falou:

— Não... Não as inutilizei. Você poderá muito bem trabalhar com ela! Poderá fazer qualquer coisa, menos... ser um pistoleiro! Tenho certeza de que cedo ou tarde, você irá me agradecer por isso! Você tem a vida inteira pela frente, rapaz! A vida inteira! Não faz sentido se deixar matar agora por causa de um orgulho idiota, por estar apenas querendo mostrar que é capaz de ser mais rápido do que eu com os revólveres!

Olhando fixamente para o indivíduo, encerrou:

— Lembre-se disso... O "destino" quis que você encontrasse a mim pela frente. Mas poderia ter sido um outro qualquer, um pistoleiro de aluguel e não um justiceiro! Aí sim, seus dias estariam terminados! O que não deixa de ser uma autêntica pena, um verdadeiro desperdício!

O rapaz baixou os olhos.

Sabia que Elmett Highsmith estava com a razão.

Naquele instante, teve consciência de que tivera muita sorte e para si mesmo, jurou que haveria de aproveitá-la.

* * *

Elmett deixou a cidade menos de meia hora depois daquilo.

Percebera que não teria paz ali, aliás como era o comum acontecer em todos os lugares onde ia.

Durante alguns dias, quando muito algumas «manas, ele se sentia bem, chegava até a ter novamente algum ânimo na vida.

Porém, não demorava muito e aparecia alguém que o reconhecia.

E então...

O duelo era sempre inevitável.

Alguns anos atrás, Elmett saía à caça de bandidos.

Normalmente, eram pistoleiros, assaltantes de bancos, trens ou diligências, ou simplesmente assassinos.

Com o passar do tempo e o aumento de sua ama, deixou de ter esse trabalho. Os pistoleiros rinham por si mesmos ao seu encontro, tentando aquilo que todos queriam: provar que poderiam ser mais rápidos e precisos do que qualquer um.

A partir disso, ou seja, do fato em que ele era procurado pelos bandidos, Elmett passou a selecionar aqueles que ele mataria no duelo ou, então, que pouparia, ferindo-os apenas, de maneira a não mais poderem usar as mãos como profissionais das armas.

Exatamente como havia acontecido com aquele rapaz...

Cutucando levemente o seu cavalo com as esporas para obrigá-lo a caminhar um pouco mais depressa, Elmett sorriu, cheio de tristeza.

No fundo, as coisas tinham piorado para ele.

No início de sua carreira como justiceiro, enquanto ele era obrigado a caçar os malfeitores, ainda havia algum objetivo em cada dia que passava.

Ele tinha que encontrar tal ou qual criminoso, conseguir livrar esta ou aquela cidade das mãos de algum bandido que estivesse dominando uma determinada região...

Porém, naquele instante, melhor dizendo, desde que não precisara mais caçar ninguém pois eles vinham ao seu encontro, o único objetivo que possuía era o de viver...

Certa vez, falando sobre isso com Kelly Andersen, uma professora sua amiga, a moça dissera:

— Você está errado em pensar dessa maneira... Há um futuro diante de seus olhos, Elmett! Você ainda é tão moço!

— Não há futuro nenhum... — murmurou ele. — A realidade é uma só... Não tenho qualquer motivação na vida a não ser lutar para continuar vivo!

Olhou para a moça e falou:

— Talvez isso não passe de uma brutal e enorme prova de covardia...

Kelly sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos.

Abraçando Elmett, disse:

— Queria que você se convencesse de que não é assim a sua realidade! A sua objetividade está aqui, Elmett! Palpável, pulsante!

Beijou os lábios do rapaz e acrescentou:

— Por que não fica comigo? Você tem dinheiro e eu também... Poderemos ser felizes! Nós nos amamos, Elmett! Sei disso!

— Mas ninguém mais sabe, querida — falou ele, prontamente. — E é preciso que continue assim! Virei vê-la sempre que puder, quando achar que não há ninguém me seguindo, espionando os meus passos... É a única maneira de mantê-la em segurança, Kelly! Você pode muito bem imaginar o que é que alguns bandidos poderiam fazer com você no momento em que descobrissem a nossa ligação!

Chorando baixinho, Kelly voltou a apertar contra si o corpo de Elmett, sentindo com delícia o calor de sua pele.

— Não se prenda a mim, Kelly — pediu o rapaz. — Procure outro homem, alguém que tenha possibilidade de lhe trazer felicidade, segurança e estabilidade!

Kelly sacudiu negativamente a cabeça e disse:

— Não poderá jamais haver outro homem! Você foi o primeiro, aquele que me mostrou o que é ser mulher... Eu jamais poderia me deitar ao lado de um outro, não conseguiria deixar que ele me tocasse!

Com paixão, a moça beijou os lábios de Elmett mais uma vez.

— Ame-me — pediu ela. — Ame-me, pelo menos quero ter a certeza de que você está aqui comigo, que não é apenas mais um de meus sonhos!

* * *

Elmett Highsmith suspirou.

— Sim — murmurou ele. — Talvez eu pudesse ser muito feliz com Kelly...

Balançou a cabeça negativamente e disse:

— Mas ela não o seria! Muito pelo contrário, seria altamente infeliz, uma mulher permanentemente ansiosa... E isso, além de estar constantemente correndo um risco imenso de cair nas mãos daqueles que me querem ver morto! Seria um egoísmo muito grande de minha parte desejar unir minha vida à dessa moça! Um egoísmo cujo preço poderá ser muito mais alto do que qualquer coisa nesta vida!

Olhou para trás, por cima de seu ombro esquerdo.

A cidade de Stormyville já estava fora de sua vista e voltando a fitar o horizonte à sua frente, Elmett pensou:

— Um dia, talvez, eu consiga encontrar a paz... Mesmo que seja a paz eterna, debaixo de um punhado de terra.

Sorriu, lembrando-se que quando ele dizia esse tipo de coisa, Kelly imediatamente se punha a chorar como uma desesperada.

Segurou um pouco o animal, impedindo-o de começar a galopar, ansioso que o animal se encontrava para chegar ao rio.

— Calma, cavalinho! — exclamou ele, puxando as rédeas. — Já vamos chegar lá! Você poderá beber o rio inteiro, se conseguir!

Mantendo o cavalo com as rédeas curtas, chegou à margem do Blue Water River, exatamente no ponto em que ele deixava o desfiladeiro denominado Hawk Falis, limite leste do fértil e famoso Blue Water Valley.

Estava desmontando do animal, quando seus ouvidos, sempre atentos e muito aguçados, detectaram um som estranho para aquela região.

— Diabos! — exclamou ele. — Mas o que é que está acontecendo?

CAPÍTULO SEGUNDO

Um raio de sol nas trevas

Freddy McAllen conhecia bem aquele rio, especialmente naquele trecho em frente, quase, à sua casa.

Porém, isso era o que ele pensava, pois, na verdade, não sabia como é que era a correnteza em todos os seus pontos.

Surpreendeu-se a princípio com a força das águas e, depois, quando sabia que tinha passado muito do local onde ficava a residência do rancho, tentou alcançar a margem, apenas a pouco mais de cinco metros de distância.

Não o conseguiu.

A força das águas o manteve no meio do caudal, ganhando velocidade à medida que se aproximava das corredeiras maiores, fazendo-o, às vezes, mergulhar no turbilhão líquido encrespado pelas pedras.

Começou a se preocupar com elas.

Sabia muito bem que se machucaria seriamente se batesse contra uma delas. Tinha que se manter afastado o mais possível daquelas pequenas ondas espumantes que marcavam a presença das rochas.

Conseguiu passar as corredeiras.

Pelos seus cálculos, já estaria na água havia mais de uma hora, começava a sentir frio, a ter algumas cãibras.

Olhou para a frente e viu apavorado, que estava entrando no grande corredor de rochas lisas chamado Hawk Falis.

Dali para diante, haveria quase dez milhas de paredão de ambos os lados do canal, sem a menor possibilidade de conseguir escapar.

— Tenho que sair da água! — pensou ele. — Tenho que alcançar a margem antes de entrar no desfiladeiro!

Porém, por mais que lutasse, por mais que nadasse com toda a força para sair da correnteza, não o conseguiu.

E foi com desespero que viu as margens começarem a crescer, lisas, íngremes apenas, no começo, mas, logo depois, verdadeiramente a pique, de uma maneira que seria literalmente conseguir sair dali.

Por um momento, pensou em desistir.

Já estava exausto, seus braços pareciam de chumbo.

Tinha se livrado das botas, pesadas demais, incômodas para quem tem que nadar. Tinha despido as calças e a camisa que, encharcadas, começaram a ser uma ameaça para ele poder flutuar.

O resultado era de se esperar.

Ele estava entanguido de frio, tiritava, batendo os dentes uns contra os outros, sem conseguir controlar.

Podia parar de nadar, pura e simplesmente.

Deixar que as águas acabassem de uma vez com todo aquele sofrimento, entrando por sua boca e por seu nariz, afogando-o.

Lembrou-se, de repente, dos tiros, do grito apavorado de sua mãe e depois, do silêncio aterrorizante.

Sim...

Ele tinha que sobreviver, tinha que sair daquela situação!

Pelo menos, teria que tentar, pois, se viesse a morrer, então sim, e que jamais poderia apanhar Bonnet!

E isso era exatamente o que estava fazendo com que Freddy mantivesse um mínimo de espírito de luta.

Batendo molemente braços e pernas para não se entrevar definitivamente com aquela água gelada e apenas poder permanecer na superfície, Freddy deixou-se levar pela correnteza.

Em algum lugar, o rio ficaria mais manso e ele poderia então alcançar a margem.

Como se fosse um raio de sol a brilhar dentro de um quarto escuro, ele viu chegar ao final do desfiladeiro.

Lembrou-se que ali, apenas a cem jardas da saída do estreito corredor de pedra, o rio fazia uma curva acentuada para a direita, e seria ali, no momento em que atingisse o vértice da curva, que ele teria a chance de se libertar da correnteza.

Nadou...

Nadou como um desesperado, sem medir mais nem um pouquinho a quantidade de esforço que tinha que fazer.

Precisava sair da água naquele ponto, era a última chance.

Mais para baixo, a menos de meia milha de distância, havia uma outra corredeira.

Só que esta, muito mais violenta, terminava em uma queda de água com mais de vinte metros de altura.

Se chegasse até ali, não teria salvação.

Finalmente, com um suspiro de alívio, conseguiu se agarrar à vegetação da margem e juntando tudo o que ainda tinha de forças, logrou içar seu exausto corpo para a areia fina do barranco do Blue Water River.

Respirou, descompassado por quase quinze minutos e, à medida que seu coração ia voltando ao normal, foi ficando cada vez com mais frio.

Sentiu medo.

Medo de morrer, de se congelar irremediavelmente durante a noite que se aproximava.

Foi quando, com desespero, já estava deixando as lágrimas lavarem o seu rosto, que escutou o ruído de um cavalo que se aproximava.

* * *

Elmett Highsmith acabou de desmontar e prestou atenção.

Podia ouvir o som cantante das águas do rio, podia escutar ao longe, o ronco sinistro da cachoeira.

Porém, acima de todos esses barulhos, seus ouvidos haviam captado um outro som.

— Parece um choro — disse Elmett, já a mão direita sobre a coronha do revólver.

Cauteloso, sempre temendo estar sendo vítima de alguma espécie de armadilha, o justiceiro começou a procurar ali em torno alguém ou alguma coisa que pudesse justificar um som tão insólito naquele local.

O ruído se repetiu mais uma vez, e, agora, muito claramente, Elmett pôde distinguir as palavras:

— Socorro! Socorro!...

Mais do que depressa, ele dirigiu suas buscas para o local onde tinha escutado o lamento.

Não foi preciso procurar muito.

Localizou Freddy McAllen, encolhido no chão. as mãos segurando os tornozelos, tentando desesperadamente encontrar em si mesmo, um pouco mais de calor.

— S-s-socorro... — balbuciou ele. — F-fr-frio...

Elmett se ajoelhou ao lado do garoto, já pegando o seu cantil de uísque para obrigá-lo a beber um bom trago a fim de reativar a sua circulação.

— Vamos, menino! — falou Elmett. — Beba isto! Vai lhe fazer bem!

Em seguida, apanhou em sua bagagem uma manta, enrolou Freddy com ela, dizendo:

— Não se preocupe... Vou fazer um fogo e logo você estará bem outra vez... Fique calmo... Você, agora está em segurança!

Freddy esboçou um sorriso...

Sim, talvez ele estivesse em segurança.

Mas, de maneira nenhuma poderia dizer que estava feliz.

* * *

Elmett percebeu logo que aquele menino estava correndo o sério risco de se enregelar, e, se isso acontecesse, não haveria nada na terra que o salvasse.

Assim, apressou-se em fazer uma fogueira e utilizando os baixeiros e forros de seu cavalo, improvisou um catre para ele se deitar, bem perto do fogo, para evitar o congelamento.

O Wyoming é frio em outubro...

Muito mais frio do que se possa imaginar e as águas da imensa maioria dos rios da região são geladas.

Isso, associado ao cansaço que o menino estava demonstrando, era sinal de uma possível pneumonia a menos que ele conseguisse aquecê-lo convenientemente por fora e por dentro.

Aproveitando os últimos raios solares, Elmett colheu um pouco de mel e misturando-o à água e a uísque, providenciou um grog para ajudar a espantar o frio interno do corpo de Freddy.

Aos poucos, o menino ia parando de bater os dentes, foi recobrando o ânimo e as forças e, quando já era noite fechada, aceitou um pouco de comida.

— Acho que eu consegui salvá-lo — disse Elmett com um sorriso. — Que tal agora você me contar o que é que aconteceu?

Freddy olhou intensamente para o seu salvador e disse:

— Acho que aconteceu uma desgraça...

E, já soluçando, completou:

— Minha família... Creio que mataram toda a minha família...

* * *

Freddy McAllen conseguiu dormir relativamente calmo, naquela noite.

Seu sono só foi agitado no início, mas, depois, ele se acalmou e se aprofundou em um repouso de exaustão.

— Não há o que o acorde por estes próximos momentos — disse para si mesmo Elmett. — Acho que poderei ir até onde é o seu rancho ver o que foi que aconteceu.

Montou em seu cavalo e subindo ao lado do rio, mantendo um trote apressado, avançou em direção ao rancho dos McAllen.

Caminhou à luz da lua por mais duas horas e surpreendeu-se com a distância que o menino tinha percorrido dentro da água.

— Não é à-toa que ele está enregelado — murmurou o justiceiro. — Chega a ser surpreendente que não tenha desmaiado com o frio!

Finalmente, chegou ao local que tinha sido descrito por Freddy.

Admirou a casa, uma construção toda de madeira, mas muito boa e muito sólida. Gostou do lugar que McAllen havia escolhido para construir o seu lar.

Viu, então o movimento de alguma coisa se mexendo no chão.

Escutou uma espécie de rosnado e logo a sombra desapareceu.

— Lobos! — exclamou. — Se eu não andar depressa, os lobos poderão até mesmo me atacar!

Rapidamente, juntou um tanto de lenha e fez uma fogueira.

À luz das chamas, pôde ver os corpos já mutilados pelos dentes dos temíveis canídeos.

Sim...

Ali estava o que tinha restado dos pais de Freddy.

Uma visão horripilante, capaz de fazer virar o estômago de qualquer um.

Elmett encontrou uma pá, cavou um buraco bem fundo e ali jogou os cadáveres.

Depois, entrou na casa, verificou se não havia alguma coisa de valor que compensasse levar para Freddy e, viu que tudo ali dentro estava revirado, como se os bandidos tivessem feito aquela desordem não apenas para procurar alguma coisa, mas, também, por mera maldade.

Encontrou finalmente escondido entre as roupas esparramadas pelo chão, um pequeno cofre de joias.

Estava fechado, mas com a ponta de sua faca bowie, não teve qualquer dificuldade em abrir o pequeno cadeado.

Não havia muita coisa ali dentro. No máximo, talvez, cinco mil dólares em alguns colares, dois ou três broches e algumas pequenas joias de ouro.

— De qualquer maneira — disse ele para si mesmo. — Freddy ficará satisfeito por eu ter encontrado as joias de sua mãe.

Já estava saindo da casa quando viu sobre a lareira da casa, a única coisa que parecia estar ainda no lugar.

Tratava-se das armas de seu pai.

Um belo par de Colts calibre 38-40, quase novos, um rifle Winchester do mesmo calibre e uma Saint-Étienne calibre doze, de canos serrados, uma arma terrível, um verdadeiro canhão de mão.

Apanhou as armas.

— Sei ver o brilho do ódio no rosto de uma pessoa — falou Elmett para si mesmo. — E sei ver quando esse brilho tem reflexos de vingança... Com toda certeza esse menino, cedo ou tarde vai querer vingar essas mortes.

Ergueu os ombros e murmurou:

— E isso é o tipo da coisa que eu jamais vou impedir!

Arrumou as coisas que apanhou na casa, inclusive um bom embrulho de roupas de Freddy e, montando em seu cavalo, voltou para o lugar onde havia deixado o pobre órfão.

Freddy McAllen ainda dormia quando Elmett chegou.

Olhando para o menino, o justiceiro pensou:

— Mas de toda forma, eu estou com um problema dos maiores... O que é que eu vou fazer com ele? Não poderei levá-lo para onde eu for! Seria perigoso para ele e de mais a mais, com vinte e quatro anos, não saberia ser pai de um moleque desse tamanho!

Sorriu, lembrando que ele no máximo poderia ser um companheiro para ele, um colega ‘de brincadeiras.

— Kelly não gostaria nem um pouco de uma coisa dessas... Logo iria dizer que eu estou ensinando o menino a atirar...

Foi nesse instante que ele se lembrou:

— Mas é isso! Kelly! Ela pode me ajudar e muito!

Olhou para Freddy, viu que ele estava bem melhor e falou:

— Você tem sorte, meu amiguinho... No meio de toda a escuridão em que sua vida de repente se transformou, há um raio de sol... E esse raio de sol, pode estar certo, ele se chama Kelly!

CAPÍTULO TERCEIRO

Preocupação para Bonnet

Durante quatro dias, Elmett tratou de Freddy ali no meio do mato, em um acampamento onde ele construiu uma espécie de choupana usando galhos de árvores e fez a chaminé para uma lareira rudimentar, com as cascas de uma bétula.

O resultado aprovou, pois, tanto Freddy quanto ele mesmo, não sentiram frio e assim, o menino pôde se recuperar inteiramente.

Exatamente como ele imaginara que iria acontecer, Freddy não manifestou o menor desejo de voltar para o rancho, dizendo que ele não tinha mais nada para fazer naquele lugar a não ser sentir saudades e tristeza.

— O que eu vou fazer por meus pais, não será agora, Elmett — disse o menino com firmeza. — Vou esperar... Vou aprender tudo o que for necessário para me vingar de Bonnet! Pode estar certo disso!

Elmett sacudiu a cabeça negativamente e murmurou:

— Não é o melhor caminho... A vingança, quase sempre leva a grandes desgraças, meu amiguinho!

— Não pode haver desgraça maior do que aquela que aconteceu para meus pais — replicou Freddy. — E não sossegarei enquanto não me vingar disso!

Elmett ficou em silêncio.

Não aprovava o que Freddy estava dizendo, mas, por outro lado, não poderia jamais reprovar categoricamente.

Afinal de contas, sua vida também começara por causa de uma vingança.

A diferença estava no fato de que quando aquilo acontecera para ele, já estava com dezoito anos de idade.

Anos suficientes para saber o que fazer e ter. um bom treinamento com as armas de fogo.

— Vou ajudá-lo — falou Elmett. — Acho que é o que de melhor poderei fazer!

Freddy sorriu.

— Eu não pensei em outra coisa — disse ele. — Você vai me ajudar, sim. Vai me ensinar tudo o que precisarei saber para poder vingar a morte de meus pais...

Elmett olhou para o menino e disse:

— Não sei se será essa a melhor maneira de ajudá-lo, Freddy... como já lhe disse antes, a vingança não é o caminho.

Freddy nada falou.

Limitou-se a olhar fixamente para Elmett e naquele olhar, havia mais palavras do que em uma Bíblia inteira.

Elmett sorriu, sem jeito.

Fixando o chão à sua frente, ele disse:

— Está certo... É evidente que eu não vou deixá-lo cometer nenhuma loucura. Prefiro ensiná-lo, eu estar ao seu lado do que deixar isso para qualquer outro que, no fundo, poderá apenas se aproveitar de sua inexperiência.

Ficaram em silêncio por alguns momentos e acendendo um cigarro, Elmett disse:

— Ê preciso que você tenha em conta que durante muito tempo nem sequer poderá pensar em fazer coisa nenhuma contra esse homem, compreendeu? Uma criança — e você não passa disso, por mais que queira se portar como adulto

— não pode querer se bater com um bandido. A não ser que o queira apanhar à traição, mas, se for esse o caso, então não conte comigo. Não quero fazer com que você arraste pelo resto de seus dias, a culpa de uma morte traiçoeira.

— Não tenha essa preocupação, Elmett — falou, muito sério o menino. — Quando matar Bonnet, eu quero ver nos seus olhos a imagem do medo... Quero que ele saiba que vai morrer e porquê!

Aquela frase, dita por um adulto, talvez não fosse mais do que um desabafo e facilmente poderia ser colocada por conta de um momento de raiva intensa.

Porém, saída da boca de um menino de doze anos de idade, dita com tamanho controle de nervos, era de arrepiar.

Elmett olhou de lado para Freddy e murmurou:

— Muita coisa pode acontecer, meu jovem amigo... Até mesmo esse bandido ser preso, ser morto por algum outro. Você pode mudar de idéia...

— Não — cortou Freddy. — Eu jamais mudarei de idéia. Como já disse, se for preciso ir ao inferno para vingar a morte de meus pais, eu irei... E se por acaso ele for preso... Bem... Aí então, talvez eu até o liberte para poder matá-lo!

— Não diga uma coisa dessas Freddy — repreendeu Elmett. — Ê uma tolice que pode de um momento para o outro, vir a comprometê-lo.

Sorriu e continuou:

— É claro que não hoje... Neste momento, com a sua idade, nada do que diga poderia vir a torná-lo suspeito de coisa alguma. Mas, mais :arde, com seus dezoito ou vinte anos... A coisa pode se tornar muito diferente!

* * *

No final do quarto dia de tratamento, de boa alimentação e de tisanas indígenas que Elmett sabia preparar, Freddy estava totalmente recuperado.

Claro que ele ainda falava dos pais e chorava quando se lembrava de sua mãe.

Porém, já não se mostrava mais tão fixado em querer a vingança, não estava mais a cada cinco minutos dizendo que iria buscar Bonnet nem que fosse para arrancá-lo do colo de Satanás.

Elmett imaginou que ele já estivesse curado inclusive daquele seu espírito de vingança e calculou que o mínimo que poderia fazer pelo menino, seria levá-lo o quanto antes para os braços carinhosos de Kelly, pois sabia que não haveria coisa mais importante para ele do que o contato com uma pessoa que ao menos em parte fosse capaz de substituir sua mãe.

— Nós vamos para Cheyenne — disse Elmett. — Vou deixá-lo com uma pessoa que sei que será capaz de ajudá-lo.

Freddy olhou para ele e falou:

— Não pode se esquecer da promessa que me fez... Quero aprender a lidar com os revólveres de meu pai...

Elmett assentiu.

— Não me esquecerei. Aliás, tenho todo o interesse em ensiná-lo o mais depressa possível pois será preciso haver alguém que saiba atirar para me ajudar a tomar conta de Kelly.

Deu uma risadinha e acrescentou:

— E você é a pessoa ideal, sei que não vai querer me fazer concorrência!

No dia seguinte pela manhã, eles partiram.

A caminhada era longa e difícil até Grean River City, à beira da Union Pacific Rail Road, onde poderiam pegar o trem para a capital do Wyoming.

O inverno chegava a passos largos. As primeiras nevascas nas bases das Montanhas Rochosas atingiram os dois viajantes, obrigando-os a ficar parados por mais de duas semanas.

Isso preocupava Elmett sobremaneira, pois, à medida que o mau tempo atrasava a sua marcha, fazia com que mais e mais ficasse distante a possibilidade de chegarem a Cheyenne antes das grandes nevascas do começo do inverno e, se isso acontecesse, provavelmente, os dois ficariam bloqueados nas montanhas até o final do frio.

Cerca de quatro meses e meio a cinco meses, ali no Wyoming...

Porém, tiveram sorte.

Nos dias que se seguiram às primeiras neves, o sol voltou a brilhar e muito embora fizesse um frio de congelar as águas dos regatos, eles conseguiram avançar mais rapidamente.

Anoitecia o vigésimo dia de caminhada, finalmente, chegaram à porta do bangalô em que Kelly morava, quando em Cheyenne, para passar o inverno.

Havia luz em seu interior e um agradável aroma de comida sendo preparada chegou às narinas de Elmett e Freddy.

— Elmett, querido! — exclamou a moça, abraçando-o, cheia de felicidade. — Não o estava esperando!

Olhando para Freddy, perguntou:

— E então? Não sabia que você tinha um irmão...

Elmett sorriu e apresentando Freddy, falou:

— Apresento-lhe o senhor Freddy McAllen... Ele ficará morando conosco até poder tirar as penas necessárias para voar sozinho...

CAPÍTULO QUARTO

Formação de um homem

Kelly sorriu.

Apressou-se em fazer com que Freddy se sentisse à vontade, correu a lhe preparar um bom banho e enquanto fazia a cama no quarto de hóspedes para o menino, Elmett explicou para a moça o que havia acontecido.

— Simpatizei com ele — disse, ao terminar. — Por isso, achei que pelo menos até que ele possa estar um pouco mais refeito do golpe por que passou, Freddy deveria ficar aqui conosco.

Kelly olhou intensamente para Elmett e perguntou:

— O que está querendo dizer com esse seu conosco? Será que eu devo subentender que é para nós dois que isso está valendo? Ou seja, você está pretendendo ficar aqui, também?

Elmett a segurou pela cintura e murmurou:

— Sim, querida... Creio que é o melhor que eu tenho para fazer.

Kelly abriu um sorriso de felicidade e saltando ao pescoço de Elmett, disse:

— Você não poderia me dar uma notícia melhor, querido! Isso é a realização de todos os meus sonhos!

Em seguida, ficando muito séria, indagou:

— Mas... E você? Como vai fazer para apagar a sua fama de pistoleiro?

— Não creio que essa fama consiga atravessar o Mississipi, Kelly — argumentou Elmett. — Acredito, isso sim, que nós possamos levar uma vida bastante agradável lá no leste, em Boston, por exemplo, ou mesmo na Philadelphia.

Antes que a moça pudesse dar totalmente vazão a toda a alegria que estava sentindo, ele continuou:

— Freddy precisará se tornar alguém, querida ... E não vejo melhor possibilidade de conseguir isso, do que em uma universidade do leste...

Ouviram o menino deixar a água do banho e acompanhando Kelly para a sala, Elmett completou:

— Não quero que ele alimente essa idéia de vingança, compreende? Está certo que ele queira ver aqueles que foram responsáveis pela morte de seus pais, pagarem pelo crime cometido..., mas, ao mesmo tempo, não acho que ele deva se transformar em um vingador.

Com um tom de tristeza em sua voz, ele disse:

— Em mais um vingador...

Abraçou Kelly, murmurando entre os beijos que lhe dava:

— De mais a mais, por que não vivemos de uma vez por todas, essa nossa felicidade, querida? Não faz sentido eu continuar separado de você unicamente porque faço questão de continuar com essa minha vida de pistoleiro que, nem sequer me traz qualquer espécie de prazer!

Sorrindo, Kelly retribuiu os beijos que recebia e disse, em um murmúrio quente, cheio de desejo:

— Pensei que jamais fosse escutá-lo dizer isso, meu amor... Pensei que essa benção, eu não chegaria a ter...

* * *

Os dias que se seguiram foram de intensos preparativos.

Afinal de contas, uma viagem assim, do Wyoming para a costa leste, não é uma brincadeira, mesmo nos dias de hoje.

Além disso, era preciso vender os bens de Kelly e os de Freddy, pois, segundo o que estava sonhando Elmett, eles nunca mais voltariam para o oeste, a não ser em um passeio e, ainda assim...

— Já chega! — disse Elmett quando Kelly lhe perguntou se não estava mesmo pensando em voltar para lá. — Um homem precisava variar de rumos, não pode se ater a uma modorrenta rotina para o resto de seus dias... Já tive o que bastasse de oeste, de pradarias, de areias e de tiros. Agora, o que eu quero é paz, nada mais do que paz...

Freddy, por sua vez, mostrava-se bastante entusiasmado com a perspectiva de uma vida completamente diferente daquela que tinha tido até então.

Menino, criança ainda, para ele tudo era diferente, tudo era novidade.

Parecia ter esquecido por completo os momentos terríveis por que passara, dava a impressão de evitar, mesmo, falar de seus pais, de seu rancho...

Elmett via aquilo com bons olhos, imaginando que ele não mais estava preocupado com a vingança, com Bonnet e tudo quanto se referia à desgraça que havia atingido a sua vida.

— Parece que ele esqueceu — comentou Elmett com Kelly. — Não toca mais no assunto! F, melhor assim!

Porém, ele estava completamente enganado.

Uma noite, nas vésperas da partida para o leste, Freddy perguntou:

— Será que lá onde nós vamos viver, haverá possibilidade de você me ensinar a atirar?

Elmett sorriu, cheio de tristeza.

Sabia que Freddy não estava fazendo aquelas perguntas unicamente por fazê-las, apenas para vir a aprender a atirar.

Havia uma intenção ali e não havia a menor dúvida de qual ela seria.

As suspeitas e apreensões de Elmett foram confirmadas na frase seguinte.

— Um dia, vou encontrar Bonnet... Isso é certeza! E então, quero estar preparado. Quero poder vingar meus pais e não quero me suicidar, compreende?

Sim, Elmett compreendia muito bem o que o menino queria dizer.

Simplesmente, era algo inevitável...

O objetivo de vida de Freddy McAllen seria vingar a morte dos pais.

Talvez demorasse muito tempo até que ele pudesse vir a fazer alguma coisa nesse sentido, mas...

Um dia, ele o faria.

E Elmett, justamente por já ter vivido um momento semelhante, por ter sido esse o início de sua carreira, sabia que, cedo ou tarde, Freddy encontraria uma maneira de cumprir aquela promessa.

E nesse momento, era melhor que o menino estivesse preparado.

E preparado por ele! Não por qualquer um!

— Não se preocupe, Freddy — falou Elmett. — Eu vou ensiná-lo tudo o que sei sobre as armas. Pode ficar descansado quanto a isso!

Quem não gostou do teor dessa conversa foi Kelly.

Mais tarde, quando sozinha no quarto com Elmett, a moça disse:

— Não acho que você esteja certo em alimentar essa idéia de Freddy, querido... Ele pode se dar muito mal...

— Sei disso — retrucou Elmett. — Mas é o único caminho... A minha esperança é que lá no leste, atraído e interessado por outras coisas, Freddy termine por esquecer tudo isso, compreende? Pode ser que à medida em que ele se aprofundar nos estudos e mesmo na vida social que Philadelphia há de lhe oferecer, relegue essa história de vingança para um segundo plano. Porém, se isso não ocorrer, eu vou preferir que ele esteja apto a se defender. Pelo menos isso. compreende? Jamais eu me perdoaria se Freddy viesse a ser abatido por Bonnet em um duelo, pura e simplesmente porque não estava preparado para isso!

Sorriu e abraçando o corpo nu e quente de Kelly, disse:

— De mais a mais, para ser um vingador d necessário, antes de qualquer outra coisa, ser um bom pistoleiro. E isso, minha querida, você sabe que é apenas para quem pode e não para quem quer! E preciso ter o dom... E nós, até mesmo o próprio Freddy, não sabe dizer se temi ou não vocação e aptidões para se tornar ura pistoleiro...

* * *

Porém, essa idéia de Elmett não passou da ilusão, de um engano terrível.

Depois que eles chegaram à Philadelphia, mesmo mostrando um enorme interesse com tudo a mostrando uma dedicação fantástica pelos estudos, o menino Freddy não deixou de lembrar a todo instante que estava fazendo tudo aquela para, mais facilmente, poder vingar sua família.

— Tenho que ser melhor do que Bonnet — disse Freddy, justificando à sua maneira de pensar. — Assim, tudo quanto eu conseguir acumular de conhecimentos

poderá ser útil para mim e para aquilo que é a minha meta: a vingança!

E assim, todos os fins de semana, Elmett e Freddy iam até os campos para poderem treinar à vontade.

Rb começo, Elmett alimentou a esperança de que conseguiria convencer o menino de que atirar não era uma coisa tão simples assim, muito pelo contrário...

Era necessário ser uma espécie de artista, era! preciso ter o dom...

Mas, essa esperança de Elmett logo morreu.

O menino parecia que tinha nascido para lidar com armas de fogo...

Os revólveres se integravam a ele de uma tal maneira que, entusiasmado, Elmett passou a se dedicar de corpo e alma ao seu treinamento.

Brincava, à mesa do jantar, dizendo:

— Preciso tomar cuidado... Freddy daqui a pouco está me superando com as armas...

Freddy sorria orgulhoso, Kelly sorria com tristeza.

A moça não gostava daquilo.

— Não se preocupe, Kelly — dizia Freddy, beijando-a com um carinho de filho. — Fique descansada que nada de ruim irá me acontecer para os meus planos de vida, saber atirar é fundamental!

E com uma risadinha marota, acrescentava:

— Vocês ainda terão uma surpresa... Uma surpresa muito grande!

Freddy estudava.

Estudava como se do aprendizado imediato e intenso, dependesse o pão que iria receber ao almoço.

Inteligente, abnegado e dedicado, aprendia com facilidade, memorizava como um elefante e armazenava

ensinamentos como se seu cérebro fosse um imenso e ilimitado paiol.

Começou a se interessar por Direito e no dia em que anunciou que queria ser um advogado, Elmett e Kelly respiraram aliviados.

— Acho que ele esqueceu de vez essa história de vingança! — exclamou Kelly. — Podemos ficar mais tranquilos!

Mas, mais uma vez Freddy surpreendeu a todos.

Entrou para a Universidade, conseguiu se matricular no curso de Direito e durante a pequena festa que Elmett e Kelly ofereceram em sua homenagem, ele disse:

— Sabendo as leis, as suas aplicações e sabendo como me defender de seus tentáculos, poderei agir com mais tranquilidade e segurança, não é mesmo? Poderei mais facilmente apanhar Bonnet!

Elmett suspirou.

— Você não desiste, mesmo, Freddy — falou ele. — Ainda pensa nessa loucura!

— Não serei completo enquanto não conseguir o que estou querendo — disse o rapaz.

Mostrou os dois filhos de Kelly e Elmett e falou:

— Hoje você pode dizer que é um homem realizado, Elmett... Conseguiu tudo o que precisaria para ser feliz. Deu para mim um início de vida e as aplicações que fez com o meu dinheiro permitem-me viver bem sem nem ao menos ter que trabalhar... Porém, nada disso teria valor para mim se eu não puder olhar a minha imagem no espelho e dizer, para mim mesmo, que consegui... Que consegui realizar o meu objetivo, vingar a morte de meus pais.

CAPÍTULO QUINTO

Uma notícia para Freddy McAllen

Mais dois anos se passaram depois que Freddy McAllen se formara em Direito.

Ao contrário do que imaginava Elmett e Kelly, ou seja, que o rapaz, assim que tivesse nas mãos o diploma de advogado, iria se fazer ao mundo atrás de Bonnet, isso não aconteceu.

Muito pelo contrário, ele começou a trabalhar, a exercer a sua profissão com seriedade e muito gosto, chegando por vezes a dar a esperança, aos dois, de que ele havia esquecido por completo sua vingança, o seu desejo de ver Bonnet morto.

Porém, essas esperanças se evaporavam quando ele dizia:

— Mais um pouco, Elmett... Mais um pouco só e estarei completamente pronto a ir procurar Bonnet.

E explicava, candidamente:

— Não quero sair à caça sem ter a certeza de encontrá-lo, compreendem? Não posso perder tempo! Isso, de maneira nenhuma!

— E se nunca mais conseguir encontrar esse homem? — perguntou, certa vez, Kelly.

— Eu vou encontrá-lo — respondeu Freddy. — Isso é tão certo quanto o vir, depois de um domingo, uma

segunda-feira! Podem estar seguros de que eu encontrarei Bonnet... Custe o que custar! Só quero é ter a certeza, mais nada!

Moço elegante, inteligente e muitíssimo bem-educado, era de se esperar que a maior parte das moças casadoiras de Philadelphia e imediações estivessem sempre correndo atrás dele, mas. para desespero de todas elas, Freddy não se interessava por nenhuma.

Claro, teve algumas aventuras amorosas, chegou mesmo a estar ligeiramente encrencado com uma certa moça, Filha de um banqueiro que achara ser mais esperta que as demais e... facilitara as coisas para Freddy.

— Este não perdeu a oportunidade, mas, depois ...

Bem...

Talvez não tenha sido muito elegante de sua parte, mas, depois que ele lhe disse o que pensava a respeito de uma mulher que agisse como ela havia agido, conseguiu um pouco de sossego, as outras todas mostrando-se mais arredias e menos entusiasmadas.

Elmett e Kelly perguntaram-lhe porque é que não se arrumava na vida com uma daquelas garotas ...

A resposta foi pronta e objetiva:

— Não poderei fazer nada disso enquanto não encontrar e matar Bonnet. Não quero ter coisa nenhuma que me prenda à vida, que me faça pensar no instante de puxar o gatilho!

Percebendo a dureza de suas palavras, corrigiu-se:

— É claro que sempre terei vocês e as crianças, Elmett..., mas é diferente. Vocês viveram o meu problema e o vivem até hoje! Por isso, acho que são capazes de compreender que no dia em que eu partir, terei que partir livre e desimpedido de toda e qualquer ligação afetiva com quem quer que seja. Segundo o que você mesmo, Elmett,

me falou, um pistoleiro, um vingador, um justiceiro, não pode possuir nenhum elo que o amarre a alguém ou a alguma coisa. O objetivo precisa ser viver, continuar vivo depois do duelo, após a troca de tiros. E a presença no fundo da alma de uma mulher ou de crianças, poderá atrapalhar, poderá vir a ser mortal!

Elmett engoliu em seco.

De fato, essa sempre fora a sua teoria e quando encontrara Freddy, somando esse acontecimento ao que já sabia que sentia por Kelly, achou que sua carreira estava completamente terminada.

Não poderia mais enfrentar bandidos com a mesma tranquilidade, com o mesmo desprendimento.

Provavelmente, no instante em que tivesse que puxar o gatilho ou sacar as suas armas, ele teria o pensamento voltado para Kelly e para Freddy, o que o iria fazer perder alguns décimos de segundo.

Espaço de tempo este que poderia significar a sua continuidade como homem vivo ou a sua passagem, sem volta, para o outro lado, para o lado dos mortos, daqueles que ficavam apenas nas saudades dos seres que o haviam amado.

Sim, um pistoleiro tinha que ser livre.

Precisava ter permanentemente os pensamentos voltados para o momento crucial do duelo, sem peias, sem travas, sem nada para atrapalhar. Para fazê-lo, por um infinitésimo de instante que fosse, se arrepender de estar ali, naquele lugar, naquele segundo.

— Por isso, não me relaciono mais profundamente com nenhuma dessas garotas... — completou Freddy.

— O problema — disse Elmett, sem muita convicção — é que quando você quiser encontrar a sua paz, poderá ser por demais tarde.

Freddy riu e batendo nas costas do amigo, falou:

— Você é o último que tem como dizer uma coisa dessas, meu caro! Deixou efetivamente para o último momento o seu casamento com Kelly...

* * *

Naquela tarde de sexta-feira, Freddy estava preguiçosamente lendo um processo em seu escritório, quando bateram à porta da sala onde ele e o sócio, John Cadogan, se encontravam.

Cadogan, cuja mesa era mais próxima à porta que a de Freddy, levantou-se e foi atender.

Menos de dois minutos depois, parava à frente de Freddy com um telegrama nas mãos, dizendo:

— É uma mensagem para você, companheiro... De Denver...

Freddy sentiu seu coração começar a bater descompassadamente.

Pressentiu, previu o que estava escrito naquele telegrama.

Com mão trêmula de ansiedade, apanhou o papel de Cadogan e leu-o:

Bonnet tem sido visto com frequência em Albuquerque e em Denver. Imagino que esteja estabelecido nesta região.

Assinado: Louis Goodman

Freddy olhou para Cadogan como se o estivesse vendo pela primeira vez em sua vida.

— Alguma má notícia? — perguntou Cadogan com expressão preocupada.

Freddy continuou a olhá-lo, sem nada dizer.

Sim, tinha sido uma boa idéia contratar os serviços de Louis Goodman, aquele agente aposentado da Pinkerton. Pelo menos, ele conseguira alguma coisa bem concreta.

John repetiu a pergunta:

— Alguma má notícia, Freddy? Você está esquisito...

Como se despertasse de um sonho, Freddy sacudiu a cabeça e tomando consciência do que lhe indagava Cadogan, respondeu:

— Não, meu amigo... Não se trata de nenhuma má notícia...

Levantando-se, caminhou até o pequeno armário de bebidas que mantinha no escritório e disse:

— Na realidade, é uma novidade das melhores!

Encheu dois copos de uísque e entregando um deles para Cadogan, continuou:

— Terei que viajar, John... imediatamente! Por isso, eu lhe peço o favor de assumir o escritório e todos os processos que estou tocando, até eu voltar.

— Vai demorar muito tempo fora? — indagou Cadogan. — Para onde é que vai?

— Para o Colorado — respondeu Freddy: — Ou para o Novo México. Ainda não tenho bem certeza.

Sentando-se outra vez à sua escrivaninha, redigiu uma carta, envelopou-a e colocou-a no bolso, dizendo:

— Talvez demore alguns meses... Também ainda não sei. Vai depender muito da sorte e da vontade do "destino".

Erguendo-se, apanhou o paletó no cabide, vestiu-o e falou:

— O que eu posso lhe dizer é que esperei por mais de dez anos este telegrama. E ele não poderia ter chegado em melhor momento!

* * *

Kelly, o marido e as crianças tinham ido passar o final de semana em Gulch Village, uma cidadezinha perto de vinte e cinco milhas de Philadelphia, onde Elmett tinha adquirido uma propriedade rural e estava começando uma bela criação de cavalos.

Assim, quando eles voltaram para casa, ficaram surpresos quando a criada lhes disse que desde sexta-feira pela manhã, não tinha notícias de Freddy.

— Meu Deus! — exclamou Elmett, preocupado. — Aconteceu! Ele descobriu Bonnet!

Kelly olhou súplice para Elmett e perguntou:

— Será que não podemos fazer nada?

Elmett não respondeu.

Ele sabia muito bem o que é que poderia fazer e sabia também, que Kelly não iria gostar da idéia.

No entanto, era o único caminho.

Não poderia deixar que Freddy fosse sozinho ao encontro do que poderia significar para ele, nada menos do que a morte!

Apanhou a correspondência que havia chegado à sua casa no sábado e olhando os envelopes, imediatamente reconheceu a letra firme e decidida de Freddy em um dos envelopes.

Ansioso, ele o abriu, dizendo para Kelly:

— De qualquer maneira, Freddy ao menos teve a delicadeza de deixar algumas palavras para nós...

Desdobrando o papel, leu:

Meus caros amigos,

Vocês sabem muito bem quanto eu os quero. Não lamentem a minha partida, apenas rezem para que eu consiga, afinal, por um ponto de encerramento nessa história de Bonnet.
Soube que ele está no Colorado ou no Novo México e, portanto, é para lá que estou me dirigindo neste momento.
Muito obrigado por tudo.
No banco, em meu cofre particular cuja chave está com Elmett, há o meu testamento, onde deixo minhas coisas para as crianças.
Aceitem um abraço.
Beijem as crianças por mim e não permitam que elas esqueçam este amigo que sempre os amou.

Sinceramente seu, Freddy McAllen.

Kelly olhou para o marido e começou a chorar.

Elmett nada disse.

Limitou-se a ir para o seu quarto onde começou a se despir.

Minutos mais tarde, já controlada, Kelly o foi procurar.

Exatamente como temia, o marido já estava vestindo as velhas calças de algodão grosseiro, a sua camisa de cor neutra.

A roupa que ele costumava usar alguns anos atrás.

— Você acha que isso é mesmo necessário? — perguntou ela.

Elmett fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Sim, querida. Preciso ir. Não posso deixar de atender ao apelo de Freddy! Afinal de contas, fomos nós que o criamos...Ele faz parte da família como se fosse nosso filho ou ,no mínimo, nosso irmão mais novo.

— Ele não pediu nada! — exclamou Kelly.

Elmett olhou para a esposa.

Kelly baixou os olhos, sem jeito.

Ela também sabia que nas entrelinhas daquela carta, havia uma súplica muda de Freddy McAllen.

— Desculpe, querido — falou ela. — Estou sendo egoísta... Se Freddy não quisesse que você o seguisse, não teria deixado indicações de onde iria estar...

Ergueu o rosto, beijou Elmett com paixão e falou:

— Acontece que eu tenho medo, querido... Não quero que você volte para o oeste... Foi tão difícil tirá-lo de lá... Não quero que você corra riscos, entende?

— Sim — respondeu Elmett. — É claro que entendo! Mas, da mesma maneira você deve compreender que não podemos deixar que Freddy vá sozinho para o Colorado! Não posso deixar de estar ao lado do homem que eu ajudei a firmar!

Apertando-se contra Elmett, Kelly suplicou:

— Tenha cuidado, meu amor... Eu e nossas crianças precisamos de você, mais do que de qualquer outra coisa no mundo!

Elmett sorriu.

Afastando-se de Kelly, apanhou os cinturões com os revólveres e colocou-o à cintura, prendendo os coldres às suas coxas pelas tiras de couro.

Estava completada a transformação.

Elmett era, outra vez, o justiceiro implacável, o pistoleiro imbatível que ela havia conhecido no Wyoming!

— Adeus, querida — disse ele, dirigindo-se para a porta. — Espero estar de volta dentro de dois ou três meses...

CAPÍTULO SEXTO

Estreia contra a morte

Sentado na confortável poltrona da cabina que alugara para ir até o oeste, Freddy viu passar a paisagem pela janela de seu vagão.

Finalmente, estava iniciando a segundo etapa de sua vida, ou seja, aquela em que ele não precisaria mais olhar para o espelho, como fazia todos os dias pela manhã e dizer:

— Preciso encontrar Bonnet! Preciso!

Contudo, embora estivesse consciente de que a partir daquele instante, a partir do momento em que deixara o seu escritório, sua vida estaria mudando radicalmente, ele não tinha bem certeza de seus sentimentos.

Por duas ou três vezes chegou a pensar que estava a caminho do oeste mais por teimosia do que por qualquer outra coisa. Chegou a questionar a sua própria convicção no que estava fazendo.

Evidentemente ele queria vingar seus pais.

Porém...

Depois de tanto tempo, seria tão importante assim?

Teria valido a pena, afinal de contas, ele sacrificar uma vida sentimental para poder dar continuidade ao seu projeto de um dia, ir ao encontro de Bonnet?

Lembrou-se de todas as moças que passaram por sua vida, que chegaram, algumas, a tremer em seus braços e outras que chegaram a fazê-lo tremer em seus alicerces.

Alicerces solidamente construídos sobre um objetivo de vida: vingar a morte de seus pais.

Sacudiu energicamente a cabeça para afastar de si esses pensamentos carregados de negativismo.

— Não! — exclamou ele. — Não faz sentido eu começar a pensar assim justamente agora, quando estou a caminho de minha libertação!

Levantou-se, saindo da poltrona e deitando-se sobre a cama da cabina.

Era bem verdade que ele gostaria de ter vivido de maneira diferente...

Mas, ao mesmo tempo, teria sido uma traição para consigo mesmo, com a promessa que tinha feito ainda quando criança e principalmente, seria uma traição com a memória de seus pais.

Matar Bonnet era uma questão de honra.

No entanto, ele não queria de forma nenhuma se tornar um criminoso como outro qualquer, com a única diferença de que haveria de matar um bandido e não um honrado pai de família...

Sim... Se ele simplesmente matasse aquele homem, fosse em um duelo ou de uma outra maneira qualquer, para si, estaria cometendo um assassinato. E ele não havia estudado todos aqueles anos, não havia se preparado tão bem para ficar, depois, com a consciência pesada por ter cometido um assassinato, um homicídio comum.

Bonnet teria que ser morto de alguma outra forma, de uma maneira tal que ele soubesse perfeitamente porque estava morrendo e que ele, Freddy, não viesse a se arrepender, depois.

— Hei de encontrar essa maneira — murmurou o rapaz, fechando os olhos para dormir, ajudando o tempo a passar mais depressa.

* * *

E as horas se arrastaram, bem como os dias.

Lentos como séculos, terríveis como uma pena de penitenciária.

O trem, apesar de ser um daqueles chamados vulgarmente de expressos, não conseguia desenvolver mais do que trinta ou trinta e cinco milhas por hora e, além disso, era obrigado a parar a cada cento e vinte milhas para reabastecer a locomotiva de água e o tender de carvão.

Com isso, as distâncias pareciam ainda maiores, o tempo não passava e o tédio, aos poucos foi tomando conta de Freddy.

Sentiu saudades das crianças, de Kelly, de Elmett com os seus conselhos, sempre dizendo que ele, Freddy, poderia ser o maior advogado da Philadelphia, mas, para todos os efeitos, continuava a ser o menino indefeso que ele tinha tirado da morte.

— Você tem que me respeitar, rapaz! — brincava Elmett. — Afinal de contas, sou no mínimo seu irmão mais velho!

Freddy sorriu.

Sim, ele gostava muito daquela família.

Haveria de voltar, a missão cumprida, o objetivo alcançado.

E então, uma vez novamente em casa, arrumaria alguma moça decente para ser a sua esposa e nunca mais deixaria a Philadelphia!

Estava com esses pensamentos na cabeça quando o trem parou na pequena estação de Hardrodrock City, uma cidade que em hipótese alguma mereceria esse tipo de classificação.

Era o quinto dia de viagem e Freddy estava começando a se sentir como um prisioneiro dentro daquele trem.

Decidiu descer um pouco, caminhar pela estação, talvez, até ir ao saloon por alguns minutos, mais para ver e sentir aquele ambiente que ele, apesar de ter ido com seu pai algumas vezes ac saloon de sua cidade, não conseguia se lembrar direito de como é que era.

Com passo decidido, deixou a estação depois de ter sido informado — para seu desespero — que o trem ficaria parado ali por no mínimo quatro horas, reabastecendo e esperando o cruzamento com um cargueiro que estava vindo de Saint Louis.

Vestido exatamente como sempre andara pelas ruas de Philadelphia, Freddy percebeu muito tarde que estava como um peixe fora da água, ou uma gaivota no deserto.

Todos olhavam para ele e sorriam, todos o apontavam na rua.

— Mas que diabo! — murmurou ele. — Eu deveria ter arrumado roupas um pouco mais adequadas ... Acho que vou ter problemas por causa disso!

Se ele dissesse que estava profetizando, não teria acertado mais.

Logo à entrada do saloon, três engraçadinhos resolveram se divertir às suas custas.

— Mas vejam só o pó-de-arroz! — disse um deles, mostrando Freddy com o dedo. — Uma verdadeira gracinha!

Outro, um pouco ousado, resolveu dar um piparote no chapéu coco do advogado.

Foi o primeiro grande erro que ele cometeu.

O punho rijo de Freddy encontrou a sua mandíbula, fazendo-o dar um salto para trás e cair já sem sentidos no chão.

Os outros dois, achando que era muito desaforo da parte daquele forasteiro almofadinha fazer uma coisa dessas, resolveram dar-lhe uma lição.

Foi outro erro brutal...

Freddy os esperou atacar e quando todos os que por ali se encontravam estavam achando que o seu rosto iria ser sumariamente demolido pelos socos dos dois valentões, ele esquivou-se para a esquerda, dando um empurrão de leve no adversário que estava mais próximo.

Foi o bastante para desarticular por completo o ataque e estabelecer a confusão total entre os dois...

O indivíduo que tinha sido empurrado tropeçou e caiu para a sua direita, ao mesmo tempo] que o soco que ele estava armando, ia ter como destino o rosto do próprio companheiro.

A pancada foi violentíssima.

O indivíduo rodopiou no ar e caiu sem sentidos.

O outro, o que o tinha acertado, se desesperou.

Aquilo tinha que ser um pesadelo, não era possível estar acontecendo!

Um almofadinha daqueles não poderia de maneira nenhuma deixá-los assim no ridículo!

— Canalha! — gritou ele, dando um passo para trás, deixando que suas mãos caíssem sobre as coronhas de seus Colts com uma rapidez alucinante.

Sacou as armas, já as engatilhando, se aprontando para disparar.

Mas Freddy já estava esperando por algo semelhante.

Os revólveres surgiram em suas mãos como que em um passe de mágica, cuspindo fogo com uma pontaria fantástica.

Seu adversário não teve tempo de completar os movimentos, suas mãos sendo colhidas pelos balaços de Freddy, os seus revólveres sendo cuspidos longe.

O advogado olhou torvamente para o bandido e falou:

— Devia matá-lo, imbecil..., mas acho que o seu melhor castigo será exatamente esse. Saber que foi derrotado por um almofadinha pó-de-arroz! De hoje em diante, acho que vocês vão pensar duas vezes antes de falar esse tipo de bobagem para alguém!

CAPÍTULO SÉTIMO

Surpresa em Saint Louis

Por um momento, o silêncio que reinou naquele saloon foi tão intenso, que a impressão que se tinha era a de se poder cortá-lo com uma faca, todos os presentes concentrando sua atenção naquele jovem tão bem vestido e que, de repente, mostrava ser um temível pistoleiro.

Freddy remuniciou seus Colts e com toda a calma, dirigiu-se ao balcão do bar para tomar um uísque.

Ouviu começar o murmúrio pelo saloon e chegou a sorrir quando entendeu alguém dizer, baixinho, para o seu companheiro de mesa:

— Deve ser algum pistoleiro muito famoso... Veja só como ele se veste! Roupas caras! Deve ter muito dinheiro! Muitas mortes em suas costas!

Freddy acabou de tomar o seu uísque pensando no que aqueles homens diriam se soubessem que ele jamais tinha tirado a vida de uma pessoa.

Deixou o saloon e retornou para o trem, conformado em ter ainda pela frente mais de três horas de espera.

Achou preferível ficar ali quieto e sem fazer coisa nenhuma, mas, principalmente sem aparecer demais, do que ficar exposto, correndo o risco de ser provocado por algum pistoleiro que, tendo visto como é que ele era com os Colts,

tivesse a idéia de provar que poderia ser mais rápido com as armas.

Sim, esse era o grande drama de todos os que lidavam com armas de fogo e que, de uma maneira ou de outra, acabavam por viver da habilidade com elas.

Cedo ou tarde, acabava por aparecer alguém que estivesse querendo testar a própria capacidade pela maneira mais perigosa ou, então, sem ter muito o que perder por não ter conseguido em sua vida mais do que ser um reles bandido, decidisse ganhar subitamente a fama, matando em um duelo um pistoleiro ou justiceiro de grande fama, de reconhecida habilidade.

Com um suspiro, Freddy McAllen fechou a porta de sua cabina, baixou as janelas e se espichou na cama para dormir.

— Tenho que ter paciência — disse ele. — Muita paciência! Não estou aqui para me tornar um pistoleiro, mas sim para vingar a morte de meus pais!

E ele sabia que não poderia correr o risco de uma bala disparada por um desses imbecis sincopar todos os seus planos.

* * *

Não saiu mais do trem até chegar a Saint Louis onde, obrigatoriamente, para atravessar o Mississipi, teria que trocar de composição.

Um bocado aborrecido, tomou conhecimento de que teria que esperar por dois dias, uma vez que só seria possível seguir viagem na noite do dia seguinte.

— Saint Louis é uma cidade boa, senhor — disse o homem da estação, logo depois de ter dado essa informação. — Poderá passar muito agradavelmente o seu

tempo! Temos bons cabarés, excelentes cassinos e saloons e a cidade está permanentemente cheia de mulheres bonitas, aventureiras e o que é melhor, permissivas!

Freddy sorriu, agradeceu a boa vontade do cidadão e rumou para o Mississipi Saloon & Hotel, o mais famoso de toda a cidade.

Depois de ter conseguido um quarto com boa localização, ou seja, com vista para o grande rio, desceu para o saloon com a firme intenção de comer alguma coisa e passar alguns momentos sem se aborrecer tanto.

— Não é possível que aqui também todos sejam tão selvagens... — disse ele para si mesmo. — Pelo menos vi bastante gente vestida como se estivesse chegando do leste e não serem essas pessoas molestadas.

Assim, criando coragem, entrou no amplo salão de jogos, descendo as escadarias do pavimento dos quartos.

Já do meio da escada, pode notar aquela moça que estava tocando piano em um pequeno palco, próximo ao bar.

Ficou impressionado.

Era linda, parecia uma fada tirada de um dos contos de Grimm para aquele lugar mundano.

Sorriu pensando que a estava vendo tão gaivota no meio do deserto quanto ele mesmo...

Procurou prestar atenção à música que ela estava tocando, mas não conseguiu distinguir uma só nota, tal era o barulho que havia ali dentro.

Foi somente quando conseguiu chegar ao pé do pequeno palco em que ela estava, que pôde ter certeza de estar ouvindo uma magnífica execução de Mozart.

Sentou-se em uma das mesas mais próximas e viu que, em determinado momento a moça olhou para ele.

Sorriu, fazendo um sinal de cabeça que procurava dar-lhe a entender que ela estava de parabéns pelo trabalho.

A moça sorriu de volta e ergueu os ombros, mostrando que estava consciente de que ali não era o melhor local do mundo para se tocar Mozart.

Minutos depois, quando ela encerrou o seu número, ele se levantou e foi encontrá-la na escada do palco.

— A senhorita toca muito bem, — disse ele. — Gostaria de convidá-la a um drinque para que possa conhecê-la melhor...

A moça olhou para ele.

Avaliou-o intensamente e em seguida, com um sorriso, disse:

— Está bem... parece-me que você não é igual aos animais desta cidade. Aqui, se eu aceitar um convite como esse, o passo seguinte, na meia hora subsequente, será uma tentativa de me levar para a cama.

Freddy sorriu.

— Pode ficar tranquila, senhorita... Eu não faria uma coisa dessas. Em minha opinião, há certas pessoas que inspiram outros tipos de sentimentos e que atraem por outras razões. Alguém que toca Mozart tão divinamente, não pode ser colocada em um plano mundano e simplesmente carnal, assim, com essa simplicidade.

Sentaram-se à mesa que até então tinha sido ocupada por Freddy e quando o garçom surgiu, ele mandou vir um uísque para ele e uma dose de Ricard para a moça.

— Como pôde saber que o meu drinque preferido é justamente o Ricard? — perguntou ela, surpresa.

— Simples dedução — respondeu Freddy. — Essa mancha em sua bolsa foi causada por um pouco dessa bebida... a cor amarelo-esbranquiçada é típica.

A pianista riu e indagou:

— Aluno de Conan Doyle? Ou será que é o próprio?

— Nada disso — sorriu Freddy. — Apenas sou observador e procuro fazer com que meu espírito esteja permanentemente voltado para ver e aprender.

— Um estudioso, então... — murmurou eia. — Um intelectual! Isso é avis rara por aqui!

Apresentaram-se. Ela disse se chamar Lygia Kelvin e explicou que estava ali em Saint Louis por um acaso, aliás, por um lamentável acaso.

— Como assim? — quis saber Freddy. — O que foi que aconteceu?

A moça ergueu os olhos para ele e ia abrindo a boca para dizer alguma coisa, quando um indivíduo grandalhão se aproximou da mesa em que o casal se encontrava e falou:

— Mas com que então você é mesmo uma cadela! Nunca aceita tomar um drinque comigo e, no entanto, no momento em que aparece um almofadinha do leste, aceita!

E com uma gargalhada que continha mais ódio que qualquer outra coisa, completou:

— Aposto como o passo seguinte será levá-lo para a sua cama!

Freddy não queria fazer aquilo.

Porém, compreendeu que não poderia deixar de mostrar que aquela moça não estava acompanhada por um almofadinha qualquer, por um homem frouxo e acovardado que tremeria de medo diante da menor e mais simples ameaça.

Pondo-se de pé, ele disse:

— Ouça, companheiro... Você vai pedir desculpas à senhorita... E se não o fizer, eu o obrigarei a ficar de joelhos, compreendeu?

Imediatamente, o saloon inteiro silenciou.

Era incrível, mas parecia que todos estavam falando ao mesmo tempo. Todos estavam fazendo barulho mas com a atenção voltada para a menor alteração de rotina que pudesse acontecer.

Freddy não tinha falado em voz muito alta.

Apenas o suficiente para que aquele indivíduo o escutasse, sem fazer questão que o pessoal das outras mesas tomasse consciência do que estava acontecendo.

O homem arregalou os olhos e lançou um olhar em torno de si.

Sim, todos os presentes estavam esperando por sua reação.

Havia, mesmo, alguns sorrisos um tanto quanto sarcásticos em alguns rostos, sorrisos de quem já estava antevendo o final daquele episódio.

O grandalhão percebeu que sua situação não era das melhores.

Tinha reparado que, ao se pôr de pé, Freddy ficara ainda maior do que ele e que os fregueses do saloon pareciam estar ansiosos para assistirem uma briga em que o forasteiro pudesse lhe dar uma lição.

O que não era, de maneira nenhuma, de espantar.

Afinal de contas, Ham Grass já tinha feito muitos dos presentes se humilharem e estava chegando bem a hora de alguém lhe dar uma boa coça.

Sorriu.

Isso não seria muito fácil!

Em Saint Louis não havia quem o batesse. Logo não seria um forasteiro almofadinha, mesmo alto e aparentemente forte como aquele, que o haveria de conseguir!

Lygia empalideceu.

Ela já conhecia muito bem a fama de Grass e imaginou o óbvio: aquele cavalheiro do leste que estava com ela, jamais poderia dar conta de um valentão como Ham Grass!

— Vou ensiná-lo como é que fazemos aqui em Saint Louis, forasteiro! — exclamou Grass, já avançando para cima de Freddy.

Mas Freddy não estava com disposição de perder tempo.

Sua mão fechada, rija como uma marreta se abateu contra o alto da cabeça de Grass.

O homem era duro, no entanto.

Tonteou, cambaleou, sacudiu a cabeça e recuperando-se, soltou uma espécie de rugido ao mesmo tempo em que suas mãos desciam para os coldres com uma velocidade assustadora.

Não chegou, nem mesmo a segurar as coronhas dos Colts.

Freddy esticou a perna, o pé de lado erguido, altura do queixo do adversário.

Flexionando apenas o joelho, sua bota martelou o rosto de Grass, uma, duas, três vezes, em uma sequência tão rápida, que ninguém pôde acompanhar com exatidão os seus movimentos.

Viram apenas a cabeça do bandido ser sacudida pelas pancadas e Grass desmoronar no chão.

O sangue começou a fluir por seu nariz, por sua boca e por seus ouvidos, mostrando claramente que o seu crânio tinha ficado pequeno demais para a quantidade de sangue que havia sido derramada dentro dele, os vasos cerebrais haviam sido rotos pela violência das pancadas.

Voltando-se para a abismada Lygia, que poderia esperar qualquer coisa menos o que havia acabado de assistir, Freddy disse:

— Lamento muito, Lygia... Gostaria que nosso primeiro contato não fosse marcado pela violência, mas esse homem não me deixou outra alternativa...

CAPÍTULO OITAVO

Uma decisão a ser tomada

Lygia sorriu sem graça e com uma ruga de preocupação na testa disse:

— Tenho medo, Freddy... Esse homem tinha amigos. E seus amigos não são de brincadeiras!

Mostrando grande nervosismo, ela falou:

— Eles vão se vingar... Vão se vingar de você, e, consequentemente, vão querer fazer comigo o que eu venho recusando desde que cheguei aqui!

Freddy segurou a moça pelos ombros e ponderou:

— Mas não há nada que a obrigue a ficar em Saint Louis, Lygia! Porque não vai embora desta cidade? Você tem talento, sabe música muito bem! Aposto o que quiser que em Philadelphia, por exemplo, teria um futuro brilhante pela frente!

Olhando para os lados, antes que Lygia pudesse responder, Freddy disse:

— Mas não vamos ficar aqui. Acho que se é como você diz, os companheiros desse canalha vão surgir a qualquer momento e o mínimo que vai acontecer é que eu terei que usar os revólveres e uma bala perdida poderá matar alguém que nada tenha a ver com o caso!

— Mas não tenho para onde ir! Meu quarto é aqui no hotel! E não será uma porta fechada que vai impedir esses bandidos de me alcançarem!

Freddy refletiu.

Enquanto praticamente arrastava a moça para fora do saloon, pois isso estava lhe parecendo ser a coisa mais urgente a ser feita, ele pensou.

Se havia um risco iminente em Saint Louis, o melhor que eles tinham para fazer, seria deixar a cidade e ir para qualquer outro lugar onde talvez fosse mais difícil aqueles homens os alcançarem.

— Há um trem para Jefferson City que parte dentro de meia hora, Lygia — falou Freddy. — Acho que poderemos tomá-lo...

Lygia olhou para o rapaz com certa apreensão.

Sabia que o que ele estava propondo era mais do que racional, e, na realidade, o mais seguro para ambos.

Porém, a partir do instante em que deixasse Saint Louis, sabia que não mais poderia retornar.

Além disso, havia o fato de que ela conhecia Freddy havia tão pouco tempo...

Não seria uma imprudência?

Uma imprudência do mesmo calibre que a que tinha feito quando decidira aceitar aquele convite para vir para o oeste?

E suas coisas, no hotel?

— Então, Lygia — disse Freddy, já perto da estação. — Decidiu? Vamos ou não vamos?

E com um sorriso, acrescentou:

— Veja bem que para mim, tanto faz ficar como ir embora... De qualquer maneira, estarei indo para o oeste daqui a quarenta e oito horas, no máximo!

Lygia ia responder quando eles escutaram um grito:

— Lá estão eles! Vamos vingar a morte de Ham!

A moça sentiu seus joelhos fraquejarem.

Estavam exatamente no meio da grande praça em frente à estação ferroviária.

Um lugar onde não havia como buscar abrigo nem encontrar proteção.

Freddy olhou para trás.

Viu os quatro indivíduos que avançavam em sua direção e com muita calma, estacou, dizendo para a moça:

— Fique ao meu lado. Nada vai lhe acontecer, isso eu posso lhe garantir!

Os quatro bandidos, na realidade, estavam esperando que os dois começassem a correr.

Porém, não foi isso o que aconteceu. Freddy parou, virando-se de frente para eles.

Surpresos, os homens estacaram por sua vez.

Perceberam que o rapaz ia enfrentá-los e isso não deixava de ser preocupante. Afinal de contas, se estavam indo para a estação, era porque tinham medo ou, pelo menos, receio, de serem alcançados por eles. E se aquele almofadinha que tinha eliminado Ham Grass com tanta facilidade, lhes fazia frente, era porque alguma coisa estava errada.

Resolveram não esperar mais.

A idéia inicial era de matar o forasteiro e violentar a moça...

Muito bem! Iriam fazer exatamente isso!

Como em um ballet fartamente ensaiado, os quatro homens se moveram.

Os dois que estavam nas pontas se deixaram cair para os lados enquanto os que estavam no meio se ajoelhavam, todos eles já sacando suas armas.

Porém, nenhum teve tempo de utilizar os Colts.

Os revólveres de Freddy surgiram entre seus dedos como se tivessem nascido ali, disparando com uma precisão demoníaca tão grande que o xerife, que àquela altura estava correndo para tentar impedir mais um derramamento de sangue, não ouviu mais do que dois disparos.

No entanto, foram quatro os tiros desfechados por Freddy.

Quatro projéteis partiram de seus Colts atingindo os bandidos a aproximadamente quinze passos de distância, bem entre os olhos, catapultando-os em uma grotesca pirueta, para trás, derrubando-os sobre a poeira da praça, já mortos, suas almas podres a caminho do reino de Mefistófeles.

Lygia se agarrou a Freddy dizendo:

— Meu Deus! Mas você é um pistoleiro! Não compreendo!

Freddy sacudiu negativamente a cabeça e falou:

— Não, moça... Não sou pistoleiro. Apenas sei usar as armas o suficiente para me defender, s, neste instante, acabo de perceber que se tudo o que eu aprendi foi apenas para impedir que você sofresse, posso garantir que estou realizado!

Lygia procurou sorrir.

Aquele homem a surpreendia a cada instante.

Deixou-se levar por ele até o guichê de venda de passagens, como em um sonho. Ouviu-o dizer para o chefe-de-estação que ele queria alugar ema composição particular...

Sentiu, mais uma vez, uma espécie de tontura quando viu o xerife que se aproximava.

Como se o representante da lei estivesse falando do fundo de um poço, Lygia escutou-o dizer:

— Concordo com você, advogado... Sei muito melhor deixar a cidade o quanto antes. Esses quatro que você faça o favor de eliminas também possuíam amigos... E com toda a certeza, sua permanência aqui, bem como a dessa moça, seria muito perigosa.

O mundo girou ao redor de Lygia, ela não enxergou e nem escutou mais nada...

* * *

Voltou a recobrar a consciência quando o trem alugado por Freddy já se encontrava em movimento, rumando para o oeste, em direção Jefferson City.

Abrindo os olhos, ela percebeu que estava em uma luxuosa cabine iluminada por dois lampiões a acetileno, que, regulados ao mínimo, derramavam uma suave luz esverdeada pelo aposento.

Sentiu que estava nua sob os lençóis e que um suave perfume exalava de seu corpo.

Um perfume de corpo limpo, de quem tinha tomado banho.

Esforçou-se para se lembrar de alguma coisa e aos poucos, muito lentamente, conseguiu se recordar dos últimos instantes, antes de perder a consciência.

Ouviu uma respiração no camarote e assustada, ergueu-se na cama, deixando com esse movimento que o lençol escorregasse um pouco, permitindo que seus belos seios surgissem.

Com voz divertida, Freddy disse:

— Cubra-se, menina... Já foi muito eu conseguir me controlar quando lhe dei banho!

— Oh! — exclamou Lygia. — Você não ousou!...

Riu, em seguida, percebendo a frivolidade do que estava dizendo.

— Não lhe fiz nada, posso jurar! — disse Freddy. — Como já falei, acho que uma pessoa que consiga tocar Mozart com tanto sentimento, não pode ser vista apenas por um ângulo carnal e mundano.

Levantando-se da poltrona em que estava sentando, acrescentou:

— Você desmaiou. Acho que além de muito nervosa, estava com falta de alimentação... Suou muito, suas roupas ficaram encharcadas. Por isso, resolvi dar-lhe um banho.

Mostrou as duas malas de Lygia que ele tinha mandado buscar no hotel e algumas caixas que se encontravam sobre a cama.

— Tivemos tempo — falou ele. — Pude fazer algumas compras para você antes de o trem partir e, enquanto dormia, arrumei as coisas de maneira a você poder encontrar mais facilmente o seu caminho.

Lygia olhou para o rapaz como se estivesse ainda dormindo.

Aquilo que estava vivendo parecia-lhe um sonho, alguma coisa absolutamente irreal.

— Mas porquê? — perguntou ela, depois de mais de dois minutos de silêncio. — Porque fez tudo isso? Afinal de contas, eu não passo para você de uma estranha, de uma desconhecida!

Freddy ergueu os ombros e explicou:

— O xerife contou a sua história. Pelo menos, aquilo que você lhe disse. Falou, por exemplo, que você veio para cá com uma companhia musical e que foi deixada para trás unicamente porque se recusou a dormir com seu empresário. Desde então, vem lutando com quantas forças

possui para conseguir juntar o dinheiro necessário e voltar para San Francisco.

Sorriu e acrescentou, finalizando, já se retirando do camarote:

— Resolvi, simplesmente, ajudá-la um pouco... Pode ser que dentro de algumas semanas eu esteja morto, e, assim, ao menos você poderá servir como um passaporte para uma vida diferente.

Riu e fechando a porta atrás de si, pensou:

— Talvez Pascal estivesse certo... Se há uma vida espiritual depois desta, o melhor que se tem a fazer é praticarmos algumas boas ações... No mínimo isso poderá ajudar a ganhar o céu, se é que ele existe!

No interior da cabine, Lygia não sabia o que pensar.

Levantou-se, olhou para as caixas de roupas que Freddy havia comprado, para o ambiente em que se encontrava.

— Meu Deus! — exclamou para si mesma. — Será possível que isto tudo seja um sonho?

Percebeu que o trem diminuía de marcha e que apitava duas vezes em seguida.

Automaticamente, começou a desembrulhar as caixas, dizendo em voz baixa!

— Se é um sonho, eu não quero despertar... Se eu morri e este é o meu paraíso, talvez não tivesse merecido, quando em vida, tanta felicidade!

CAPÍTULO NONO

Isto não é pagamento!

— Consegui encontrar um piano — disse Freddy. — Achei que você gostaria de ter o que fazer durante o resto de sua viagem até Frisco...

Lygia olhou torvamente para ele e disse:

— Como assim, sua viagem? Por acaso está querendo dizer que vai saltar antes? Não vai até San Francisco?

— Vou ficar em Denver, Lygia. Tenho o que fazer...

Olhou para o piano, viu a moça ensaiar algumas notas e acrescentou:

— De mais a mais, eu vou gostar de ouvir você tocar apenas para mim. Talvez seja a última oportunidade de minha vida de escutar Mozart

Lygia fechou o piano e voltando-se para Freddy, disse:

— É a segunda vez que você fala assim, com tanto fatalismo, com tamanho pessimismo! Será possível que não compreenda que isso não me faz bem?

— Desculpe-me — pediu Freddy. — Não tinha a menor intenção...

E bastante sem jeito, murmurou:

— Na realidade, não me compreendo... Não sei porque é que estou falando essas coisas para você, uma vez que isso não poderia de maneira nenhuma, interessá-la!

— Você está redondamente enganado! — exclamou Lygia, a revolta transparecendo em seu belo rosto. — É claro que isso me interessa!

Sentando-se no sofá, ao lado de Freddy, ela segurou suas mãos e pediu:

— Conte-me o que está acontecendo! No mínimo, eu acho que tenho o direito de saber!

Estou viajando para um lugar qualquer com um homem, com uma pessoa que já me fez tanto bem... Quero poder ao menos conhecê-lo melhor! Talvez eu possa ajudar, não acha? Se você está enfrentando algum problema, se está em alguma espécie de conflito...

Um sorriso triste passou rapidamente pelo rosto de Freddy quando ele falou:

— Ninguém pode me ajudar a não ser eu mesmo, Lygia... E não creio que valha a pena você saber coisa nenhuma a meu respeito.

Encarando a moça, acrescentou:

— Não se preocupe quanto ao fato de estar viajando sozinha comigo. Não vou lhe fazer coisa nenhuma. Não o poderia, uma vez que não sei qual será o meu futuro dentro de alguns dias.

— Não é dado a ninguém saber o próprio futuro, Freddy — ponderou a pianista. — Eu mesma, não poderia jamais imaginar que estaria aqui, hoje, vivendo uma aventura de contos de fadas!

E apertando um pouco mais as mãos do rapaz, insistiu:

— Vamos! Diga-me o que está escondendo! Diga-me o que é para eu poder sentir que sou útil em alguma coisa!

Freddy suspirou.

Ele não queria falar coisa nenhuma.

Começava a sentir que aquela moça estava influindo em sua vida de uma maneira totalmente diferente do que imaginava.

Via, de súbito, que todo o resto não tinha importância nenhuma, que até mesmo a sua idéia fixa de se vingar de Bonnet, passava para um segundo plano, deixava de ser a locomotiva que puxava sua vida.

Sorriu e disse:

— Eu não deveria dizer coisa nenhuma...

— Mas vai contar — falou Lygia, rindo. — Eu sinto que preciso saber! Há alguma coisa que está dizendo que eu preciso estar a par de seus planos de uma maneira tão intensa, como se esses planos fizessem intimamente parte de mim!

Freddy se levantou, apanhou uma dose de uísque e voltando para o lado de Lygia, começou:

— Jurei a mim mesmo que vingaria a morte de meus pais...

* * *

Quando ele terminou a sua história, muito séria, Lygia disse:

— E agora, você começou a questionar a validade de tudo isso, não é mesmo? Sem nem mesmo saber porquê!

— Eu sei porquê — retrucou Freddy. — Mas é absurdo demais!

Lygia sorriu e pousando a cabeça no ombro do rapaz, murmurou:

— Nada acontece por acaso nesta vida, Freddy! Pode acreditar em minhas palavras... Basta ver o meu caso. Vim para cá pensando que seria o melhor para mim. Eu fui enganada por um bando de falsos profissionais. Se não

tivesse fibra suficiente, hoje estaria na prostituição, trocando meu corpo por um pedaço de pão.

Sorriu e continuou:

— Ou então, teria me enforcado, o que, algumas vezes me pareceu ser a melhor solução. Mas não... Consegui suportar o início e consegui ao menos me manter. Evidentemente, não tinha a menor idéia de quando é que iria ter recursos suficientes para poder deixar Saint Louis e voltar para a minha terra, ou, ir para San Francisco onde tenho certeza, as possibilidades de sucesso seriam ao menos um pouco maiores.

Fechou os olhos, sentindo a mão de Freddy acariciar seus cabelos e disse:

— Mas parece que tudo estava combinado pelo "destino". Era necessário que eu passasse por tudo aquilo para que pudesse encontrá-lo, Freddy... E agora, começo a pensar se eu não estava mesmo predestinada para você, e servir de pivô no sentido de impedi-lo de cometer uma loucura!

Afastou-se um pouco, olhou de frente para o advogado e perguntou:

— Ou será possível que você não esteja pensando que é uma loucura das maiores querer enfrentar um bandido que provavelmente não estará sozinho? Será possível que não imagine que é um egoísmo muito grande de sua parte fazer as pessoas que o querem bem sofrer unicamente por causa de um juramento feito quando ainda criança, no calor de uma tragédia?

Freddy não teve o que dizer.

Em seu íntimo, sabia que o que Lygia estava dizendo era a mais pura verdade, mas...

— Preciso vingar meus pais, Lyggia — disse ele, quase que com desespero em sua voz. — Eu não poderia mais me considerar um homem...

Lygia sorriu.

Abraçando-se a Freddy, ela murmurou:

— Tenho a impressão de que há muitas outras maneiras de você sentir e saber que é homem, não é verdade?

Olhou intensamente para Freddy e falou:

— Talvez você me ache uma leviana... Talvez acredite que eu estou apenas tentando recompensá-lo pelo que me fez até agora. Gostaria que você não encarasse as coisas por esse prisma, que não pensasse que isto seja uma forma de pagamento, Fredd.

Sorriu, pousou seus lábios sobre os dele e disse, em um sussurro morno, a voz das mulheres que estão loucas de desejo:

— Eu o quero, Freddy... Quero que você seja o meu primeiro homem, que você me ensine a ser mulher...

Era um pedido irrecusável.

Porém, em seu bojo — e Freddy muito bem o sabia — havia muita coisa mais do que alguns momentos de prazer.

Tanto para ele quanto para ela, não havia ali apenas um relacionamento carnal ditado por circunstâncias, quase que obrigado pelo momento...

Havia algo de predestinação, era como se ambos estivessem sabendo que um seria do outro, bastando para isso que viessem a se encontrar.

A locomotiva apitou duas vezes, a composição começou a diminuir novamente a marcha.

Estavam chegando a Jefferson City e enquanto sentia o corpo ardente de Lygia, Freddy lutava consigo mesmo para decidir.

Havia uma decisão séria a tomar, um futuro pela frente, cheio de felicidade... Bastava apenas que esticasse a mão e o apanhasse!

* * *

Elmett olhou pela janela de seu vagão.

Viu, encostado na linha secundária, na linha morta da estação, aquele trem fretado por algum milionário que certamente estava ali fazendo grandes negócios, lidando com centenas de milhares, senão milhões de dólares.

Sorriu, vendo o trem parar para o intervalo de reabastecimento, tempo que jamais durava menos que duas horas.

Saltou para a plataforma na estação de Jefferson City, disposto a esticar um pouco as pernas e, por que não começar a fazer algumas perguntas a respeito de Bonnet e de Freddy.

Com calma, começou a caminhar para o saloon, um estabelecimento grande e luxuoso que ficava a pouco mais de cem jardas da estação.

Viu aquele casal que deixava uma loja, o rapaz carregado de pacotes, o rosto escondido pela pilha de embrulhos, sendo guiado como se fosse um cego, pela mão de sua mulher.

Sorriu, sem poder esconder de si mesmo, uma profunda tristeza.

Bem que eles podiam ser Freddy e alguma moça...

Mas não! Freddy jamais se casaria ou se ligaria mais seriamente a alguém, enquanto estivesse com a idéia fixa de vingar seus pais.

Continuou o seu caminho, vendo o rapaz e sua companheira se afastarem em direção à estação.

Foi no instante em que eles estavam passando diante de um bar, um daqueles imundos bares que costumam marcar as imediações de todas as estações ferroviárias do mundo, que as coisas aconteceram.

Dois engraçadinhos, dispostos a rir um pouco, saíram do bar.

Um deles, pôs o pé diante das botas do rapaz que estava com as compras e o outro, agarrando a moça, tentou beijá-la.

Elmett chegou a fechar os olhos.

Sabia muito bem o que é que iria acontecer em seguida.

O rapaz caiu, esparramando pelo chão as compras feitas.

A moça gritou, os dois engraçadinhos riram.

Porém, quando o outro se levantou, Elmett levou um susto.

— Freddy! — exclamou. — Mas é Freddy!

Àquela altura dos acontecimentos, Freddy já tinha agarrado um dos indivíduos pelo pescoço e o estava apertando como se espremesse uma laranja.

O seu companheiro, vendo as coisas malparadas, pois não poderia imaginar que aquele sujeito vestido de almofadinha fosse tão forte e decidido, resolveu ir às armas.

Não conseguiu mais do que ameaçar sacar o revólver.

De cerca de vinte jardas de distância, Elmett alvejou-o na mão, fazendo-o abortar toda e qualquer tentativa de atirar.

Freddy largou o engraçadinho que estava segurando e olhando para o homem que o tinha ajudado, ia agradecer, quando o reconheceu.

— Elmett! — exclamou. — Mas é você! Pensei que não fosse chegar!

Elmett sorriu e abraçando Freddy, disse, emocionado:

— Eu não poderia deixá-lo vir para cá sem a certeza de que poderia ajudá-lo, Freddy! Ou será possível que ache que eu o poderia?

CAPÍTULO DÉCIMO

O pânico leva à perdição

A notícia de que um pistoleiro milionário estava rumando para Denver e que tinha parado em Jefferson City, chegou aos ouvidos do último homem na terra que poderia ficar sabendo dessa novidade: Bonnet.

Excessivamente ambicioso, logo imaginou que poderia matar dois coelhos com uma só cajadada se decidisse viajar um pouco.

Chamou seus seis homens e disse:

— Vamos para Jefferson City, meus amigos! Vamos eliminar um pistoleiro famoso e além disso, com toda a certeza ainda poderemos pôr as mãos sobre uma bolada imensa!

E com um sorriso maldoso, explicou:

— O homem está vindo para cá em um trem particular! Logo deve estar cheio de dólares! Dólares que podem muito bem ser nossos!

Os seis bandidos que normalmente o acompanhavam, não disseram nada.

Não tinham, na realidade, que ponderar ou contestar coisa alguma. Bonnet era o chefe, a ele cabia decidir o que a quadrilha deveria fazer para manter os bolsos cheios e assim, poderem continuar a gastar com bebidas, mulheres e jogo, quando não estavam praticando nenhum assalto.

Sem perda de tempo, embarcaram em um trem rumo a Jefferson City.

Segundo Bonnet, era preferível ir ao encontro daquele pistoleiro, do que ficar pacientemente esperando por ele em Denver.

— Estamos muito marcados aqui — explicou ele. — Alguém poderia até avisar esse indivíduo de nossa presença e isso seria ruim para os meus planos.

Dessa maneira, enquanto Freddy, Lygia e Elmett estavam ainda em Jefferson City, discutindo a validade da vingança do advogado, Bonnet e seus homens rumavam rapidamente ao seu encontro.

O que não deixava de ser, como Lygia gostava de dizer, mais uma das muitas brincadeiras do "destino".

— Agora — dizia Elmett — você tem outros objetivos na vida, Freddy! Não há porque insistir nessa loucura!

Freddy, porém, continuava em dúvida.

Tinha medo de mais tarde, não conseguir sublimar a frustração de ter desistido de um ideal.

Já Lygia, coitada, encontrava-se entre dois fogos.

Por ela, evidentemente, não queria que o seu amado continuasse a viagem, mas, ao mesmo tempo, não queria que um dia, ele lhe lançasse ao rosto que não tinha podido se realizar unicamente por sua culpa, por que ela o impedira de vingar seus pais.

Durante mais de uma semana eles conversaram longa e exaustivamente sobre o assunto.

E foi quando tudo parecia estar já resolvido, quando Freddy parecia estar convencido de que não fazia mesmo sentido nenhum em dar prosseguimento a uma vingança contra um homem que ele poderia ainda demorar muitos anos para encontrar, que Bonnet chegou à estação de Jefferson City.

Mais uma vez, o "destino" resolveu brincar com Freddy.

O advogado tinha deixado Lygia no trem cuidando dos preparativos para a partida de volta à Philadelphia e, acompanhado por Elmett, dirigiu-se ao centro comercial da cidade para fazer as compras de provisões de cozinha que Lygia lhe pedira, alegando fazer absoluta questão de mostrar que ela não era uma mulher que apenas sabia tocar piano.

— Quero que você veja que não está fazendo um mau negócio em se casar comigo! — disse ela. — Sei ser uma dona de casa perfeita, quando eu quero!

As compras feitas, os dois começaram a voltar para a estação, Elmett sentindo a alma leve por ter conseguido, finalmente, fazer com que Freddy desistisse do que estava querendo fazer.

Telegrafou para sua casa, em Philadelphia, para avisar das novidades, dizer que Freddy voltava casado e livre de seus pesadelos.

Foi exatamente quando estava saindo da agência dos telégrafos, ainda rindo com Elmett do telegrama que este tinha enviado, que Freddy o avistou.

Elmett percebeu de imediato que o seu caldo havia azedado.

Muito pálido, Freddy murmurou:

— Mas não é possível! É ele! Bonnet!

Mostrou para Elmett o homem que estava na calçada da frente, rumando para o saloon, acompanhado por seis outros.

Não era preciso ser César Lombroso para fazer o diagnóstico: eram todos bandidos e dos mais perigosos.

— Você prometeu... — começou a dizer Elmett, segurando Freddy pelo braço. — Você prometeu à Lygia que não...

Mas Freddy já não o estava escutando mais.

O Destino...

O "destino" quisera que aquele homem viesse ter às suas mãos! Não seria justo de sua parte que recusasse aquela oportunidade!

Sem vacilar, Freddy se dirigiu à porta do saloon para interceptar os passos do bandido antes que ele ali pudesse entrar.

Elmett suspirou, abriu o paletó e ajeitou um pouco melhor o cinturão com os Colts.

Depois de tanto tempo, ele teria que usar novamente as armas...

Viu que Freddy conseguia o que estava pretendendo, ou seja, chegou à frente do saloon bem antes de Bonnet e, parando à porta, olhou de maneira desafiadora para os sete homens.

Bonnet parou.

Estranhou aquele almofadinha ali, à sua frente, as mãos pendentes ao longo do corpo, em uma posição típica de quem está disposto a duelar.

— Chegou a sua hora, Bonnet! — disse Freddy com voz calma. — Mas eu faço questão de refrescar a sua memória!

EPÍLOGO

Não há mais pesadelos!

Porém, Bonnet não estava disposto a perder tempo.

Olhando fixamente para o advogado, ele falou:

— Ora, almofadinha! Não estou aqui para conversa idiota! Saia da frente, se não quiser morrer!

Freddy continuou onde estava, e, olhando para os sete homens, disse:

— Você é covarde demais para me enfrentar em um duelo limpo, Bonnet... Porque não manda que esses seus macacos desapareçam?

Bonnet sorriu.

Ia abrindo a boca para dizer alguma coisa, quando a voz de Elmett se fez ouvir:

— Não se preocupe com esses canalhas, Freddy... Eu os tenho sob a mira de meus revólveres ... O primeiro que se mexer, eu acabo no mesmo instante com os seus dias!

Bonnet ficou subitamente muito sério.

Reconhecera aquele homem...

— Elmett Highsmith! — exclamou ele. — Mas então é uma formidável dupla de pistoleiros!

E sem se incomodar com a ameaça de Elmett, ordenou:

— A eles, homens!

Os sete bandidos sacaram as armas.

Porém, não passaram disso.

Elmett e Freddy fizeram funcionar mais uma vez a fantástica técnica de que eram senhores.

Crivado pelas balas dos dois amigos, os bandidos caíram ao chão, cada um deles levando para o túmulo, um orifício de bala entre as duas sobrancelhas.

Somente Bonnet não havia sido morto.

Jazia no chão, os dois ombros inutilizados pelos tiros de Freddy, os dois joelhos arrebentados pelas balas de Elmett, como se os dois tivessem combinado o que é que cada um deveria ter feito.

— Mate-me, maldito! — berrou Bonnet. — Mate-me!

Freddy guardou os revólveres.

Olhou com desprezo para Bonnet e disse:

— Não... O carrasco cuidará de você! Deste momento até o instante em que subir ao patíbulo, quero apenas que se lembre de um homem... Um homem que você só conseguiu matar porque ele estava desarmado naquele instante.

Bonnet olhou intrigado para Freddy e este falou:

— McAllen... você matou meu pai, assassinou minha mãe... E pode acreditar que a morte, mesmo que na forca, ainda é muito pouco para você expiar os crimes que cometeu!

Fazendo um gesto para Elmett, disse:

— Vamos, Elmett... Não vamos deixar que Lygia fique preocupada... Ela deve ter escutado os tiros e deve estar assustada.

Lançando um último olhar para Bonnet que naquele momento estava sendo carregado pelo xerife, completou:

— Acabei conseguindo me vingar. O "destino" assim o quis, e, a partir de agora, eu posso respirar em paz!

Olhou para a frente, viu Lygia que corria ao seu encontro, os braços abertos, ansiosa por sentir mais uma vez que aquele pedaço seu, não lhe tinha sido arrancado.

FIM

A seguir: MULHER DANADA
Não perca!

REEMBOLSO POSTAL
Pedidos de livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.

Nome: . . . . . .

Endereço: . . . . . .

Cidade: . . . . . **Estado:** . . . . . .

Código de Endereçamento Postal: . . . . . .

ATENÇÃO

Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio.

MENSALISTA

Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:

EDITORA MONTERREY LTDA.
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
Tijuca — Rio de Janeiro

IMPORTANTE:

Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª-feira, no horário de 8:00 às 13 e das 14 às 17:30 horas.

CARO LEITOR

Se este bolsilivro apresentar alguma falha gráfica, pode devolvê-lo ao Editor que remeterá a V. S. exemplar idêntico sem o referido erro, inteiramente grátis.

REEMBOLSO POSTAL

Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de seis (6) livros pelo Reembolso Postal.

Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de seis (6) livros por mês.

Eis as publicações da Editora Monterrey:

Coleção	Tema
H. H.	Guerra
F. B. I.	Policial
Z. Z. 7.	Espionagem
Z. Z. 7. Série AZUL	Espionagem
CHUMBO GROSSO	Bangue-bangue
CHUMBO MORTAL	Bangue-bangue
CHUMBO QUENTE	Bangue-bangue
OESTE BARRA PESADA	Bangue-bangue
OESTE BEIJO E BALA	Bangue-bangue
OESTE BRUTAL	Bangue-bangue
OESTE CARGA DUPLA	Bangue-bangue
OESTE PERIGOSO	Bangue-bangue
OESTE PRA VALER	Bangue-bangue
OESTE PROIBIDO	Bangue-bangue
OESTE VERMELHO	Bangue-bangue
OESTE VIOLENTO	Bangue-bangue
TIROTEIO	Bangue-bangue

* SE VOCÊ GOSTA DO MELHOR, LEIA:

** **F. B. I.**
– Histórias policiais com os famosos agentes federais norte-americanos.

** **H. H.**
– Epopéias de guerra que ainda não foram contadas.

** **Z. Z. 7.**
– Aventuras de Brigitte Montfort, a espiã mais linda do mundo.

** **ZZ7 Série AZUL**
– Relançamentos das aventuras de Brigitte Montfort, a espiã da CIA.

** **CHUMBO GROSSO**
– Histórias eletrizantes cheias de ódio.

** **CHUMBO MORTAL**
– Emocionantes aventuras do velho oeste.

** **CHUMBO QUENTE**
– Novelas do faroeste com muita ação.

** **OESTE BARRA PESADA**
– Empolgantes aventuras no cenário rude e hostil do velho oeste.

** **OESTE BEIJO E BALA**
– Faroeste cheio de emoção do princípio ao fim.

** **OESTE BRUTAL**
– Uma visão íntima dos cowboys temerários.

** **OESTE CARGA DUPLA**
– O velho oeste rude e violento.

** **OESTE PERIGOSO**
– Um bangue-bangue excepcional cheio de violência

** **OESTE PRÁ VALER**
– Aventuras de bangue-bangue que você desejava ler.

** **OESTE PROIBIDO**
– Um faroeste bem violento e prá frente.

** **OESTE VERMELHO**
– Uma balada de incidentes perigosos no velho oeste bravio.

** **OESTE VIOLENTO**
– Um faroeste cheio de emoção e violência.

** **TIROTEIO**
– Aventuras inéditas sob o sol do oeste norte-americano.

NOVELAS INÉDITAS

• • • • • PEÇA AO SEU JORNALEIRO • • • • •

Editora Monterrey Ltda.

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr$ 130,00